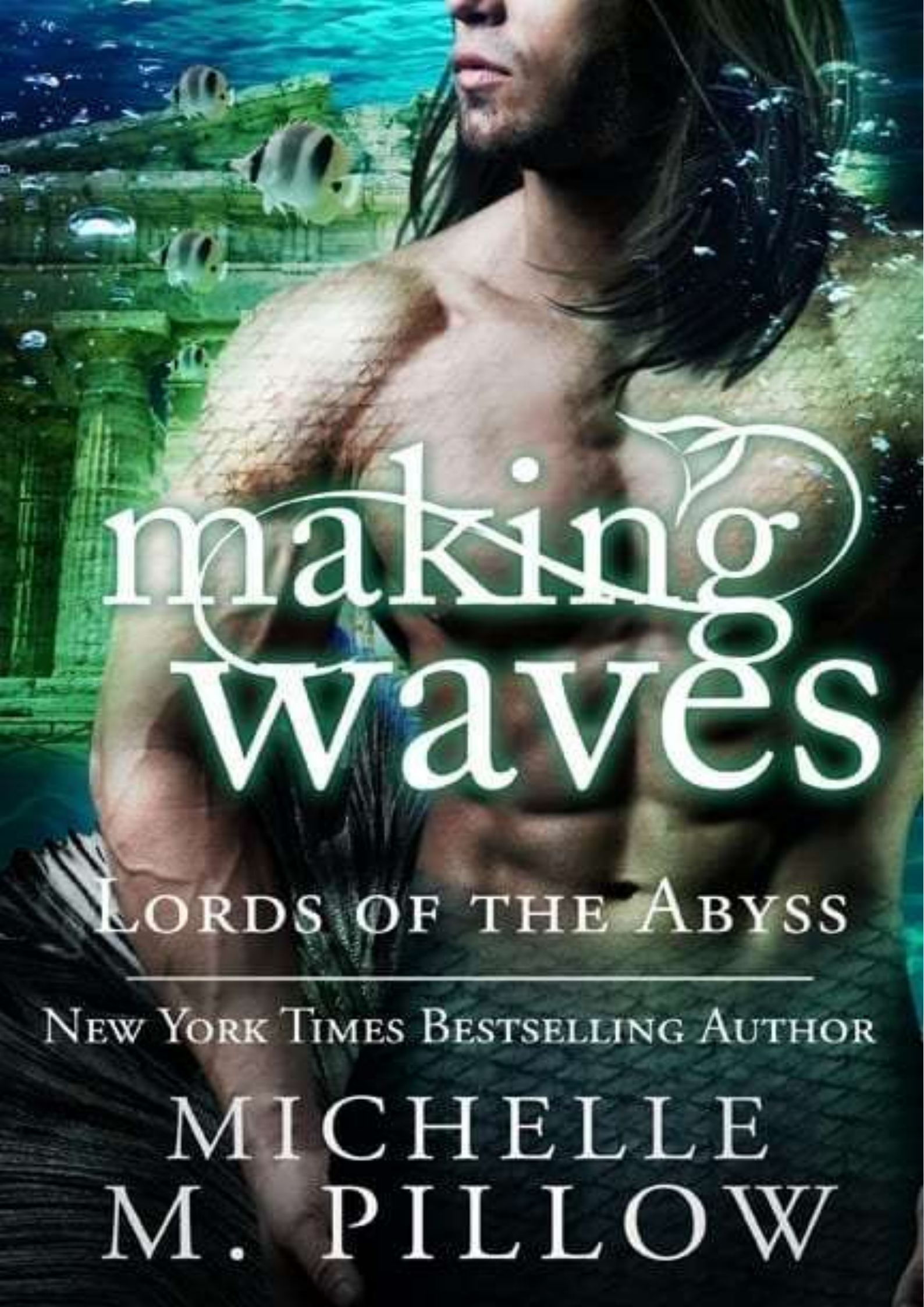




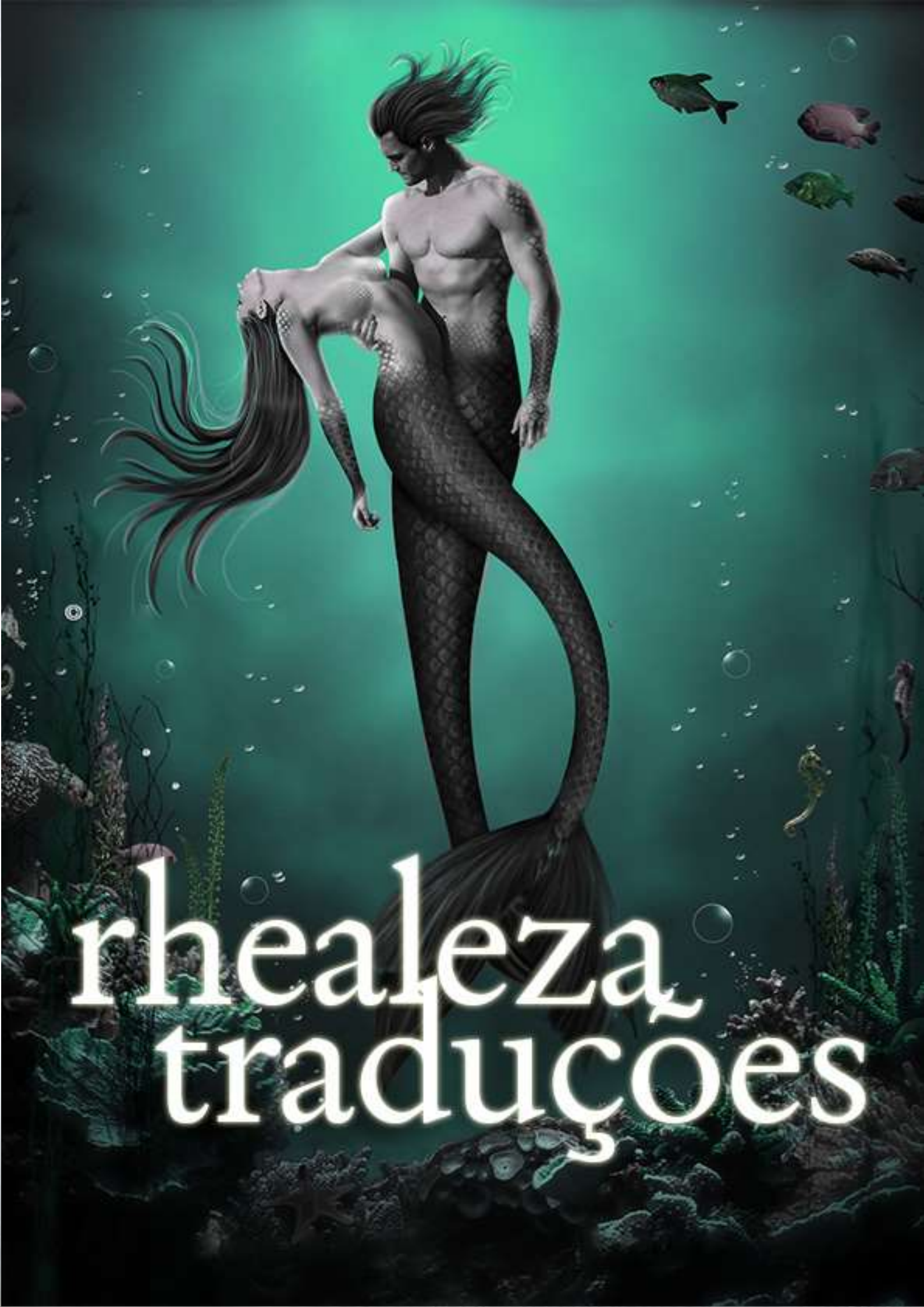
making waves

LORDS OF THE ABYSS

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

MICHELLE
M. PILLOW





rhealeza
traduções

staff

Tradução: Kytzia/Isis

Revisão inicial: Ana Cláudia/Anna Paula

Revisão final: Anfitrite/Monaisa

Leitura Inicial: Janaina/Maia

Leitura Final: Artemise/Hígia

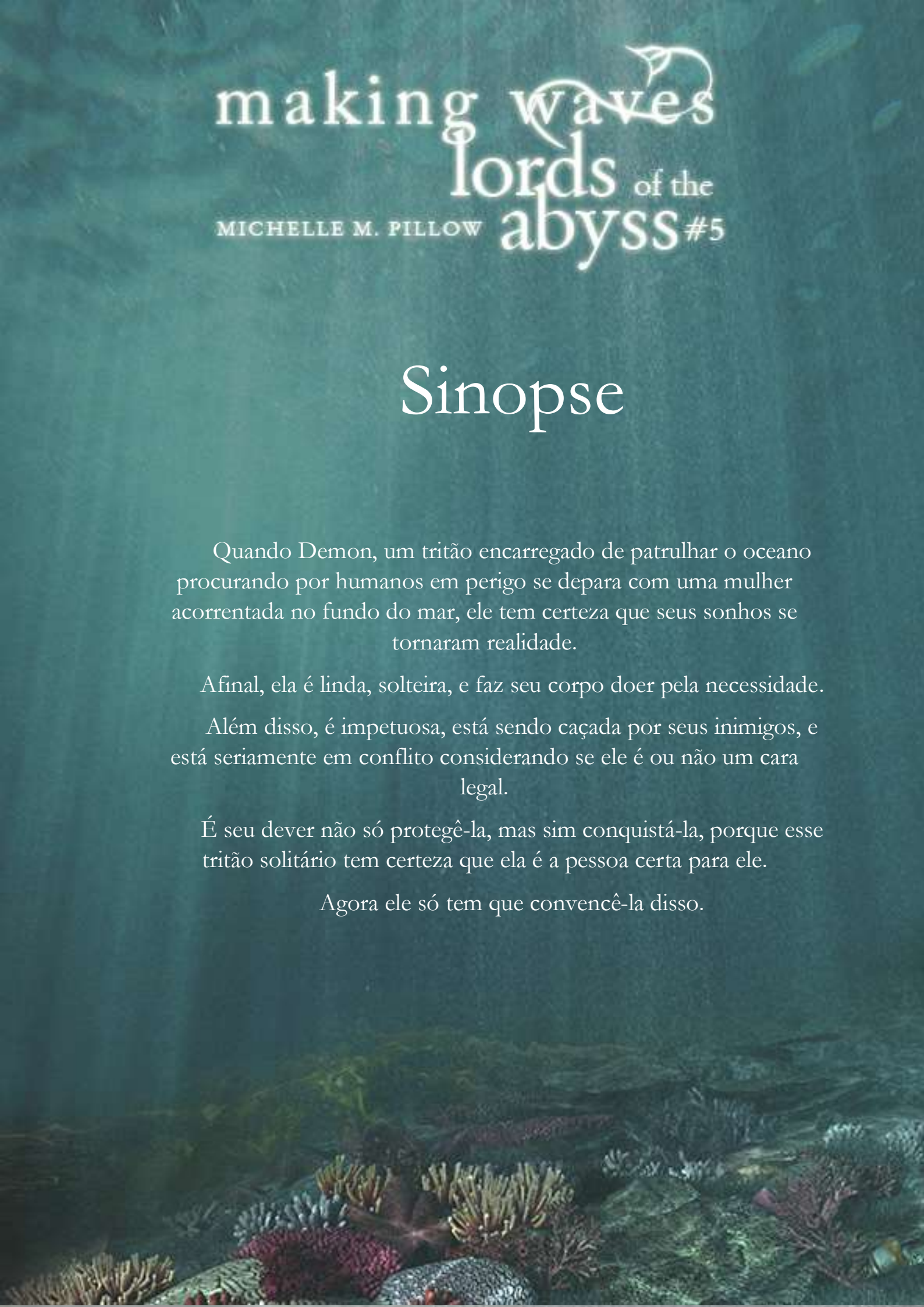
Conferência: Mitra

Formatação: Kytzia /Cíbele

Disponibilização:

Grupo Rhealeza Traduções

04/2019

The background of the entire page is an underwater scene. It features a deep blue-green water with various types of coral and sea anemones in shades of red, orange, and yellow at the bottom. Small, silvery fish are scattered throughout the water, some swimming towards the viewer and others away. The lighting is soft, creating a serene and mysterious atmosphere.

making waves lords of the abyss #5

MICHELLE M. PILLOW

Sinopse

Quando Demon, um tritão encarregado de patrulhar o oceano procurando por humanos em perigo se depara com uma mulher acorrentada no fundo do mar, ele tem certeza que seus sonhos se tornaram realidade.

Afinal, ela é linda, solteira, e faz seu corpo doer pela necessidade.

Além disso, é impetuosa, está sendo caçada por seus inimigos, e está seriamente em conflito considerando se ele é ou não um cara legal.

É seu dever não só protegê-la, mas sim conquistá-la, porque esse tritão solitário tem certeza que ela é a pessoa certa para ele.

Agora ele só tem que convencê-la disso.

Capítulo 1

Isso era o inferno.

Victoria não tinha dúvidas desse simples fato. O barco que ela tinha alugado para aproveitar suas férias afundou, ela se afogou e foi mandada para o inferno pelos seus pecados. Não era fogo e enxofre. Era um abismo sem fim, as profundezas escuras do oceano frio, solitário e molhado.

Ela estava presa no fundo do mundo, sem possibilidades de ter consciência do seu redor, incapaz de respirar nada além da salmoura. Afinal, o céu não era tão indulgente como alguns a fizeram acreditar, porque um poder maior a tinha condenado a ser prisioneira na água por brincar um pouco demais com suas deduções de impostos, por chamar Becky Gibson de vadia no terceiro ano e qualquer número de coisas que ela considerou pequenas infrações na época.

Desculpe, Becky.

E ela achou que *estava* arrependida. Victoria teve muito tempo para pensar sobre isso. Ela estava arrependida de muitas coisas nos últimos dias. Ou semanas? Ela não podia ter certeza. O tempo não corria da mesma forma no oceano profundo, não como em terra.

Algo passou por sua visão e ela congelou. Victoria esperou, a sensação repugnante se contorcendo em seu estômago dizendo a ela que isso era um grande final para terminar sua horrível jornada através da morte. Os monstros viriam mordiscá-la novamente, horríveis peixinhos com dentes afiados e pontos brilhantes pendurados em suas cabeças. Tudo o que ela podia fazer era se

debater até que eles fossem embora ou ela ficasse cansada demais para lutar.

Ela viu duas grandes criaturas, mas felizmente ficaram à distância, passando como sombras. Os tentáculos deslizavam pela areia, criando nuvens que pareciam pesadelos. Ela teve que se concentrar na escuridão para vê-los, sua visão focada como os feixes de duas lanternas com um campo de visão limitado.

Outras criaturas rastejaram debaixo dela através da vegetação de ervas marinhas flutuantes... ou era musgo, ou um fungo que se arrastou de lugares escuros? Depois, uma fila de lagostas translúcidas com garras gigantescas passou. Ela sentiu mais do que as viu, mas tentou não se mover, não querendo que elas a notassem flutuando no abismo como uma refeição em uma corda. Os vermes longos e finos acumulavam-se nas correntes e ela tentava evitar tocá-los.

O medo de coisas que ela não podia ver era pior do que os perigos que espreitavam nas águas.

Demônios.

Elas chamavam a si mesmas de olímpicas e agiam como deusas, mas Victoria não encontrou nada piedoso em seus olhos brilhantes e coloração anormal, ou no modo como a puxaram para a água para afogá-la uma segunda vez, como se a primeira morte não tivesse sido tortura suficiente. Elas disseram muitas coisas quando a fizeram prisioneira no Monte Olimpo, mas ela estava tão confusa, entrando e saindo da consciência enquanto elas falavam, que muito pouco tinha se registrado.

Sim. Isso é o inferno, e os gregos antigos o administram.

E o horrível peixe com seus dentes de navalha.

E a escuridão. Escuridão sem fim.

Victoria se tornou uma planta estranha e viscosa. Ela estava amarrada por sua cintura, presa ao fundo do mar com uma corrente grossa que era o caule. E suas folhas eram as barbatanas sedosas onde seus pés costumavam estar. Ela sentia falta dos pés. Ela sentia falta das pernas. Agora havia um rabo de peixe, inútil porque ela não conseguia nem chutar com ele.

À distância, ela detectou uma grande cúpula, afundada na água como um globo de neve que alguma criança tinha deixado cair e esquecido. Os demônios olímpicos que a aprisionaram disseram que ela deveria tentar voltar para a cúpula, como um teste manipulado para ela falhar. No entanto, era sua única chance de salvação.

Bem, *falar* era incorreto demais. Elas não usavam a boca para falar. Em vez disso, implantavam os pensamentos do que estavam dizendo em sua cabeça.

O melhor que Victoria podia raciocinar é que, se ela chegasse à cúpula, ela se tornaria um demônio como as mulheres que a trouxeram para cá. Todas elas tinham rabos também. Elas tinham sido como ela uma vez? Uma alma perdida tentando argumentar com o desconhecido?

Seus pensamentos vagavam como correntes oceânicas, tornando mais difícil quantificar os eventos para que ela pudesse entender o que havia acontecido. As conclusões chegaram a ela, mas era como se já tivessem sido formadas e esquecidas como ondas que haviam sido lavadas em terra, inúteis e desnecessárias à reflexão.

Sereias? Demônios?

Ela era uma sereia? Ela olhou para o rabo e depois para as barbatanas feias que sobressaíam dos seus braços antes suaves.

A luz da cúpula chamou sua atenção mais uma vez e seus pensamentos flutuaram para a salvação. Escuridão familiar ou a luz do desconhecido?

Qualquer coisa era melhor que o constante medo que residia em seu peito e o opressivo silêncio gelado da água do oceano.

Oceano profundo. Os mortais não vêm aqui. Portanto, eu não sou mortal, ela pensou.

Victoria impulsionou seus braços para trás e para frente, tentando mover-se através da água. Cada centímetro foi duramente combatido. Depois que ela conseguiu avançar vários metros, ela não conseguia mais movimentar seus braços. A água entrava e saía de seus pulmões, parecendo pesada e desconfortável. Ela lutou para se mover novamente, descansando e lutando, lutando e descansando. Sessenta centímetros. Um metro. Trinta centímetros. Dois centímetros.

Victoria abriu a boca para gritar, mas a água a manteve em silêncio.

Basta.

Por favor, basta.

Sinto muito, Becky.

Eu não queria colar no teste, Sra. Larsen. Eu juro que vi a resposta por acidente.

Vou limpar meu quarto.

Desculpe-me por ter jogado fora a comida em bom estado. Eu sei que outras crianças estão morrendo de fome e ficariam gratas por sua caçarola de macarrão de atum, mãe.

Sinto saudades dos meus pais. Vou ligar para eles com mais frequência.

Eu não lançarei deduções nos meus impostos.

Eu não vou xingar, assistir filmes ruins, beber ou contar piadas indecentes.

Eu serei mais voluntária.

Tantos pecados...

Basta, por favor.

Eu não sei o que mais poderia haver.

Basta

Capítulo 2

Demon agarrou Cain pelo braço, jogando o caçador Merr para que ele fosse impulsionado à frente. Juntos, eles deslizaram acima do fundo do oceano. Em sua mira estava a sereia olímpica Pirene, que haviam descoberto nadando em mar aberto. As malditas sereias eram um incômodo. Os dois homens prefeririam estar caçando os espíritos da água que atacavam os barcos do mundo da superfície. Pelo menos a *scylla* não sabia o que eles estavam fazendo e, embora muito perigosas, elas eram previsíveis em sua falta de atenção.

A força do lançamento de Demon forçou Cain a passar pela traiçoeira sereia como um dardo amarelo, permitindo que o homem desse a volta e a encarasse. Quando Cain impediu sua retirada, Demon veio por trás para prender Pirene entre eles.

Barbatanas azuis escuras e cabelos castanhos flutuavam na água enquanto Pirene tentava mudar de direção. A sereia era uma atleta olímpica leal, seguindo os ensinamentos de sua rainha egocêntrica e irritante, Maia. Pirene deu um assobio de irritação através do elo mental quando Cain se lançou para ela.

—*Pare, por ordem do rei Lucius.* —Demon comandou. Todos os Merr se comunicavam por telepatia na água e ele sabia que a mulher o ouvira claramente. Ele estava aborrecido, sendo forçado a patrulhar as águas do lado de fora da cúpula. Como um caçador e um membro da equipe apelidada de *Guerreiros*, ele geralmente era liberado nas águas do oceano para rastrear a *scylla*, não sereias entediadas com ideias dementes de derrubar o rei e assumir o controle de seu mundo subaquático de Atlantes.

—*Eu não reconheço nenhum rei.* —Pirene nadou erraticamente, se lançando para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo.

—*O que você está fazendo aqui, Pirene? Você sabe que é proibido.* —Cain manteve o tom calmo. —*Volte conosco para o palácio e vamos conversar para acabar com essa bobagem. Você não acha que nosso mundo está quebrado o suficiente? Deveríamos estar trabalhando juntos para acabar com a maldição, não separados.*

Demon deu crédito a Cain por tentar falar razoavelmente, mas mesmo antes de Pirene responder, ele sabia que era inútil. Não havia negociações com traidores, especialmente com as olímpicas. Os rumores que surgiram nos últimos dez anos sobre suas ações era o que a nova esposa de seu irmão Rigel chamaria de embaraçoso.

Todos sabiam que os tritões eram criaturas muito sexuais e recebiam muito do seu poder a partir da liberação sexual, mas as olímpicas deram um passo adiante. Em vez de usar os bonecos ninfa de prazer, criados para aliviar a solidão da eternidade para aqueles sem companheiros, elas atraíam os humanos para o oceano, os traziam para Atlantes e os tratavam como escravos.

—*Eu respondo à rainha Maia.* —Pirene dirigiu-se diretamente para a cúpula. —*Você faria bem em se curvar a ela agora, caçador, e talvez ela te recompense com um lugar no chão do palácio quando ela estiver no trono Atlas.*

Cain riu, o som zombeteiro preenchendo o elo mental.

—*O que você acha Demon, você gostaria de ser um tapete para Maia andar?*

—*Não, obrigado.* —Demon respondeu. —*Eu ouvi como ela trata as pessoas.*

—*Como ousa falar...* —Pirene não teve chance de terminar. Como se sentisse o perigo, o gigantesco verme de guarda que vivia

na base rochosa da cúpula de Atlantes avançou. A criatura gelatinosa não tinha muito em seu rosto, apenas uma ponta arredondada com uma boca elástica que podia engolir a presa inteira. Ecos de um grito foram instantaneamente esmagados quando o verme sugou Pirene em sua boca e continuou nadando.

O verme se aproximou de Demon. Ele levantou a mão para acariciar a antiga fera. A criatura voltou para sua casa tão rapidamente quanto saiu.

—*Você o chamou?* —Cain perguntou.

—*Não.* —Demon respondeu. Ele poderia não gostar de Pirene, mas ele não teria escolhido matá-la. A sereia deveria ter percebido o perigo na base da cúpula.

—*Acho que não vamos levá-la como prisioneira.* —Cain pensou ironicamente.

Havia apenas algumas maneiras de um Merr acabar com sua imortalidade e essa era uma delas. Talvez Pirene tenha chamado psiquicamente o verme ela mesma.

—*Por favor, diga-me que nossa patrulha acabou. Não quero nada mais do que voltar para o oceano, para longe dessas mulheres irracionais.* —Cain sacudiu o rabo e disparou na direção da cúpula para olhar para dentro, para seu mundo contido. Ele deslizou a mão sobre a superfície transparente e suave como se acariciasse os que estavam embaixo.

Não havia como penetrar na barreira da cúpula, o que era bom, ou então o pequeno paraíso seria inundado. Embora aqueles que estavam dentro mudassem para a forma Merr na água do oceano, eles seriam amaldiçoados a vagar. Depois de algumas semanas nas profundezas salgadas, eles se tornariam loucos, transformando-se em espíritos oceânicos conhecidos como *scylla*,

um destino pior que a morte. Dentro da cúpula, estava o único ar que o Merr podia respirar e isso os impedia de se transformar. Isso garantia que eles sempre voltassem para casa.

Acima deles, a cúpula desaparecia nas águas negras das profundezas, formando o que era o céu de Atlantes. Pequenos animais eram atraídos para o calor, nadando até a barreira durante a noite de Merr para formar estrelas do mar dançando sobre as fronteiras.

A cúpula estava em cima de uma base rochosa que sustentava a terra. Enquanto estava no interior, o Merr não sentia o domo se mover, mas ele flutuava com as correntes, deslizando pelo chão do oceano. Ao longo dos séculos, Demon assistiu a lenta progressão de Atlantes através de várias paisagens subaquáticas.

Uma bolha de ar aprisionada dentro do mar, autocontida com estações leves, animais terrestres e um povo que se agarrava à cultura que conhecia na Terra, pode-se dizer que Atlantes era mágico.

Por toda a magia e beleza, Atlantes era nada mais que uma maldição. Apenas um deus poderia criar tal prisão, e foi exatamente isso que aconteceu. Eles tinham sido humanos uma vez, arrogantes, estúpidos e vaidosos. Poseidon puniu-os, transformando-os em Merr e afundando-os sob as ondas.

Nadar até a superfície e respirar o ar acima significava morte. Bem, tradicionalmente isso acontecia. Lady Bridget, uma cientista que eles haviam resgatado de afogamento, estava trabalhando em uma cura que ela acreditava estar ligada a algas marinhas do fundo do oceano. Quando o irmão gêmeo de Demon, Brutus, foi levado para cima da superfície do oceano, sua pele sobreviveu ao breve contato quando ele deveria ter explodido em chamas.

Isso não significa que algum deles estava disposto a inspirar uma grande quantidade de ar humano tão cedo.

Dentre os itens que eles tinham do mundo da superfície, Demon sabia que o pedaço de terra em que viviam não se encaixaria mais na superfície. Se subitamente saíssem do oceano e caminhassem novamente em terra, não seriam mais os grandes reis e guerreiros que já foram. Seu império havia caído e seus deuses haviam se tornado mitos. Para os humanos, os Merr não passavam de curiosidades e animais de estimação. Os poucos humanos que eles conseguiram salvar relataram que os deuses gregos estavam mortos, não eram mais temidos ou adorados.

O que significava que a maldição nunca poderia ser quebrada. Poseidon parou de observá-los.

Que escolha havia, senão continuar?

Demon não queria morrer. Ele caçava porque era uma posição de prestígio em sua sociedade e uma maneira de sair da cúpula. Homens como Cain caçavam na esperança de que os deuses, de alguma forma, pudessem ver as muitas vidas humanas que eles tentaram salvar de se afogar quando a *scylla* atacava navios.

Havia doze caçadores no total, divididos em quatro equipes de três. A equipe de Demon, os *Guerreiros*, incluía seu irmão gêmeo Brutus e seu irmão mais novo, Rigel. Cain liderava os *Cavaleiros*. Hrafn liderava os *Soldados*, que não estavam na água há muito tempo. A quarta equipe era simplesmente chamada de *Caçadores*, dois dos quais haviam resgatado mulheres humanas e se casado com elas.

Essa era outra razão pela qual Demon caçava, a esperança de resgatar uma mulher que o escolheria como marido. As chances não eram grandes, mas Brutus e Rigel tinham conseguido de alguma forma. Ver seus irmãos felizes fez Demon se sentir mais solitário, e ele se odiava por se ressentir secretamente de suas alegrias.

—*Dois centímetros.*

Demon franziu o cenho. —*O quê?*

—*Eu não tenho mais forças. Acabe com isso, peixe demônio.*

Demon olhou ao redor da água para descobrir quem estava falando.

—*Quem está falando comigo? Cain?*

—*Não fui eu.* —Cain respondeu. —*É uma mulher. Por todos os deuses, há outra delas aqui? Posso jurar, bloqueamos uma das rotas de fuga delas e elas encontraram outra?*

—*Demon, demônio do mar, volte para mim.* —As palavras foram preenchidas com um apelo e seguidas por uma risada meio enlouquecida.

—*Quem está me chamando?* —Demon exigiu, irritado com esse novo jogo que as olímpicas estavam jogando.

—*Talvez elas estejam dentro da cúpula?* —Cain sugeriu, olhando para o espaço abaixo.

Demon começou a nadar em direção à barreira transparente para olhar o mundo seco lá dentro, mas a voz dela só ficou mais triste e desorientada.

—*Eu não posso fazer isso. Eu não sei nadar. Acabou, peixe demônio, estou pronta. Você pode me ter, Becky.*

É verdade que as olímpicas eram completamente insanas, mas a insanidade delas tinha o mesmo toque tirânico, eram superiores, não viviam sob o domínio de um homem, eram deusas de qualquer coisa. Elas nunca soavam derrotadas.

Algo fez com que ele se virasse e observasse o mar aberto. Ele examinou acima antes de procurar lentamente abaixo. Um movimento chamou atenção na água distante.

—*Encontrei-a.* —Demon disse, exasperado. Mesmo que ele estivesse irritado, a emoção da perseguição o animou e lhe deu uma explosão de energia. Ele correu para pegar a olímpica antes que ela pudesse fugir. Embora ele esperasse que ela tentasse, a sereia não tentou fugir da captura.

—*Demon, você precisa de ajuda?* —Cain perguntou.

—*Não.* —Demon diminuiu a velocidade. Detectando o brilho de metal segurando a mulher, ele rapidamente olhou em volta para ver se era uma armadilha. Uma longa linha atravessava o fundo do oceano, terminando em uma velha âncora de navio segurando a sereia acorrentada. Era este um castigo olímpico? Teria essa sereia traído sua rainha?

Cabelos escuros flutuavam em torno de sua cabeça, mais curtos do que a maioria das olímpicas usavam. As barbatanas verdes indicavam que seus olhos provavelmente seriam do mesmo tom. Pelo menos, Demon tinha certeza de que ele teria reconhecido as curvas de seu corpo. Um homem não esqueceria curvas assim.

Ele se aproximou dela cautelosamente. O preto de suas barbatanas e cauda o tornava particularmente difícil de detectar no oceano profundo. Ele levantou o braço, criando uma pequena corrente de água para tirar o cabelo dela do rosto. Olhos vidrados encontraram os dele. O verde quase translúcido não pareceu registrá-lo nadando diante dela.

Ele tinha visto aquele olhar antes nas *scyllas* que eles trouxeram de volta da caça, logo antes das pobres criaturas morrerem.

Demon olhou para a corrente, percebendo-a. Ela foi deixada para se transformar. Ela deveria estar sozinha na água por muito tempo para estar nesse estado.

—*Cain.* —Demon gritou.

—*Achei que você tivesse dito que não precisava de ajuda.* —Cain provocou, mesmo quando veio ajudar.

—*Rápido, ela está se transformando em uma scylla.* —Demon disse.

Todo humor deixou Cain quando ele avançou. —*Mas estamos bem perto da cúpula. Como ela poderia estar perdida no mar?* —A pergunta de Cain foi respondida por ele quando viu Demon sacudindo a corrente.

—*Eu não posso libertá-la. Ajude-me a puxá-la.* —Demon colocou o braço sob os ombros da mulher e segurou-a com força enquanto nadava o mais forte que podia em direção a casa. Cain segurou a corrente, tentando tirar o peso da cintura da sereia.

—*Eu não quero ser um demônio.* —A sereia murmurou através do elo mental, embora seus olhos ainda estivessem vazios. —*Eu não quero machucar ninguém, desejar isso, vê-los morrer.*

—*Você a conhece? Eu não a reconheço.* —Cain disse. —*Ela diz seu nome, mas nada faz sentido para mim.*

—*Não.* —Demon não tinha ideia de como a mulher sabia quem ele era.

—*Demon, eu não acho que ela vá conseguir.* —Cain disse. —*Olhe para a pele dela. Já está em estado avançado.*

Demon não respondeu enquanto nadava mais forte. Um antigo medo e tristeza tomaram conta dele. Muitos morreram dessa maneira, muitos que ele havia trazido do abismo.

Capítulo 3

Demon atingiu a superfície da água, ainda segurando a mulher acorrentada. Mesmo deslocado, ele foi capaz de respirar profundamente o ar da cúpula. O cheiro doce de Crystal Caves sempre era a primeira coisa que ele sentia quando chegava em casa. Ele reconheceria aquele cheiro em qualquer lugar.

As cavernas eram acessíveis a partir do palácio de Atlas, a capital de Ataran, na cúpula da Atlântida, muito abaixo do mundo dos humanos acima. A pressão impedia a água do oceano de inundar a base. Esta deveria ser a única área de superfície dentro da cúpula, mas as irritantes olímpicas continuavam atravessando. Vendo a pele translúcida com linhas azuis da mulher, Demon queria caçar as sereias monstruosas e estrangular cada uma delas. Havia alguns limites que não se cruzavam e transformar povo Merr em *scylla* era um deles.

—Devemos levá-la a Althea. A curandeira saberá o que fazer com ela. —Cain disse, capaz de usar sua voz agora que estava fora da água. Ele secou a água de sua cauda para que ele se separasse e voltasse para duas pernas. As brânquias em seu pescoço se moldaram na pele, e as barbatanas afiadas ao longo de seus antebraços se retraíram.

—Tente puxá-la da água. Eu vou encontrar algo para libertá-la.

Cain levantou do chão, sem se incomodar em encontrar roupas enquanto corria em direção à entrada do palácio, onde o guarda estaria. Nenhum dos caçadores se preocupava com a nudez, já que eles nunca usavam roupas no oceano.

Demon segurou a mulher com um braço enquanto apoiava sua mão livre para impulsionar seu corpo para fora do oceano. Com um pulo da cauda, ele saltou para a beirada rochosa, levantando-a para que ela ficasse ao seu lado na água rasa batendo na beira do chão da caverna. Ela estava mole, pendurada em seu braço. A ponta afiada da barbatana dela cortou a parte superior de sua cauda quando o braço dela escorregou para o lado. O sangue escorria do ferimento para a água, mas ele ignorou a dor sutil da água salgada na ferida.

Demon arrastou-se para uma parte de terra seca, novamente deslizando-a junto com ele. O formigamento da mudança demorou a acontecer enquanto ele tentava tirar as gotas de água de suas escamas. Não era fácil segurar a sereia acorrentada. A ponta do rabo ainda mergulhava na água escura. Depois de algumas manobras, ele conseguiu secar a água salgada o suficiente para que as escamas pudessem se transformar em carne.

Quando ele pôde novamente ficar como homem, achou mais fácil levá-la para a terra. Ele a deitou de costas. Um hematoma escuro se formou ao redor de sua cintura, onde as correntes a seguravam com força. Ele seguiu os elos, puxando o metal inquebrável até encontrar uma pequena alavanca. Na água escura, seria impossível ver. Puxando, ele foi capaz de soltar a corrente de seu corpo. A âncora puxou as correntes rapidamente, e ele a agarrou quando o metal pesado chicoteou de sua cintura, pegando no lado da caverna antes de ser arrastado para a água. A pele ferida onde a corrente raspava contra ela deveria ter sangrado, mas ela apenas mantinha uma coloração avermelhada entre a carne azulada.

Demon levantou-a em seus braços. Seu cabelo preto molhado se agarrava a seus ombros. O som de água pingando no chão pontuava cada passo enquanto ele se apressava para ver a curandeira. Pedras preciosas cobriam as paredes ao redor deles, dando à área da superfície o nome de Crystal Caves. As pedras

coloridas refletiam a luz da tocha que vinha da entrada, ajudando-o a enxergar enquanto subia a encosta, afastando-se da água.

O corpo nu estava frio em seus braços, não incomum para um Merr saindo do oceano. Sua cauda não se transformou em pernas, mas suas barbatanas afiadas se retraíram levemente em seus antebraços. A sensação do corpo nu de uma mulher era estranha para ele. Séculos haviam se passado desde que ele estivera com nada além de uma ninfa de prazer, construída mais como um receptáculo do que como uma companhia. Ele ainda sonhava com isso, mas a ideia se tornou um sonho distante, em vez de uma memória real.

Sua cauda começou a mudar de cor, ainda não a carne natural de uma mulher, mas pelo menos ela estava retornando para suas pernas. O atrito de sua pele úmida causou uma onda de desejo em seu corpo. A aflição sexual sempre era pior quando o Merr saía do oceano pela primeira vez. Segurar a mulher tornou-se torturante, e ele ainda tinha que chegar à entrada da caverna.

—Meu senhor, você foi capaz de libertá-la ou esta é outra?
—Brennus, o guarda, perguntou quando Demon se aproximou.
—Cain e Gaius foram até Aidan para encontrar algo para cortar as correntes.

O homem estava treinando para ser um caçador, embora atualmente não houvesse vagas em nenhuma das equipes. Mas, com o número de homens que recentemente encontraram companheiras na água, isso poderia mudar, e o rei Lucius decidiu que era hora de começar a treinar aqueles que poderiam tomar seus lugares.

Demon não podia imaginar desistir de caçar. Sair da cúpula era o que o mantinha sua sanidade durante o exílio do mundo da superfície.

O uniforme de Brennus consistia no tradicional Ionic *chiton*, que era um pedaço retangular de um material branco dobrado ao

meio, costurado nas laterais e preso nas mangas para criar uma camisa na altura do joelho. As pernas foram deixadas nuas e, como a maioria dos Merr, ele usava o mesmo estilo de sandálias amarradas que usavam desde que foram banidos para o oceano. Seu manto de *chlamis*¹ verde cobria um dos ombros, onde estava preso com um broche de ouro circular gravado com o antigo símbolo Merr do sol.

—Me passe sua capa. —Demon ordenou, olhando para o material verde. As escamas da sereia ainda estavam aparecendo como manchas em sua pele úmida.

Brennus instantaneamente obedeceu, soltando o broche e tirando o material de seu corpo. —Existe outra na caverna? Devo ir buscar...?

—Apenas ela. —Demon respondeu enquanto acomodava a mulher em seus braços. Brennus colocou o material sobre ela. Ele esperava que o calor pudesse ajudá-la a terminar a transformação. —Eu consegui libertá-la. Quando Cain voltar, informe-o que a levei à curandeira.

Brennus deu à mulher um olhar estranho. —Cain disse que ela era uma olímpica? Você a conhece?

—Não. —Demon ajustou-a em seus braços.

—Então é verdade. As olímpicas estão afogando os humanos e trazendo-os até aqui para construir seu exército. —Brennus rolou uma grande pedra redonda na frente da abertura da caverna para fechá-la e impedir que intrusos entrassem.

Demon não respondeu enquanto corria pelo corredor.

—Meu senhor. —Brennus chamou atrás dele. —O que há de errado com ela? Ela não parece bem. Ela parece quase estar se transformando em uma...

¹ Vestuário grego uma espécie de manto

As palavras de Brennus sumiram. Demon franziu a testa, andando mais rápido quando ele terminou a observação do guarda para si mesmo.

—Uma *scylla*.

Uma vida imortal de ensinamentos lhe disse que o destino dela não estava em suas mãos. Se ela vivesse, seria porque os deuses queriam isso. Mas, e se não houvesse deuses? Ou se houvesse, e se eles simplesmente não se importassem, de qualquer maneira?

Demon andou mais rápido. Ele tinha que salvá-la. Deuses ou não, com ou sem lei, ele tinha que tentar. Esta sereia não era diferente de qualquer mulher humana que eles salvaram da parte superior. Como as mulheres eram raras, a honra exigia que ele tentasse salvar suas vidas se encontrasse alguém condenado a uma morte por água. Normalmente, isso significava que seres humanos já enfrentaram uma sentença de morte por afogamento no oceano. Eles muitas vezes tentaram salvar os humanos, apenas para perdê-los no mergulho no abismo. Essa mulher já estava na água, já transformada, então isso significava que ela tinha uma chance de lutar. Certo?

Althea, a curandeira, saberia o que fazer para salvá-la. Ela era a única esperança deles.

Capítulo 4

Victoria sentia-se segura e mais quente do que em dias, semanas ou talvez meses. Não havia como marcar a passagem do tempo no inferno. Braços a seguravam, dando conforto onde antes só havia frio. Ah, e ficar seca depois de tanto tempo molhada. Ela nunca pensou que adoraria estar envolvida em um cobertor grosso.

O que, claro, significava que ela estava com o demônio. Essa era a segurança falsa, o conforto tentador, antes que eles roubassem isso dela novamente. Os demônios tinham feito isso antes, cantando canções doces para ela como sereias antes de empurrar seu corpo acorrentado na água para se afogar.

Seus olhos se abriram, esperando ver pedra negra e fogo.

Em vez disso, as paredes eram construídas com grandes tijolos de vidro tingidos com a cor azul do Mar Mediterrâneo, acentuados com azulejos amarelos e brancos. Eles passaram por uma tocha afixada na parede, e a visão do fogo confirmou que ela estava certa sobre o diabo.

Victoria tentou olhar para o homem que a carregava, mas ela não conseguia mexer a cabeça. Ela queria lutar, levantar-se e correr, mas seus membros pendiam como pesos mortos. Seus olhos seguiram os intrincados azulejos que criavam padrões gregos nas paredes. Eles passaram por um arco.

Sua escolta a empurrou em seus braços, ajustando seu aperto. Ela virou a cabeça e olhou para um rosto bonito. O cabelo preto dele estava grudado em sua mandíbula forte e em seu peito ainda mais forte. Ele olhou para ela e seus olhos negros brilharam com um

tom de prata. Ela tentou falar, mas sua garganta estava tão congelada quanto seu corpo.

—Eu tenho você. —Disse o demônio, sua voz tão áspera quanto ela imaginou que fosse.

O tom baixo de sua voz fez com que uma onda de desejo tomasse conta de seu corpo. Certamente, ele quis dizer algo sinistro com essa afirmação, mas o corpo dela respondeu como se ele quisesse tomá-la ali mesmo no corredor, as costas pressionadas contra a parede vitrificada, o corpo duro movendo-se, o pau grosso pulsando, corpos fodendo.

Victoria imaginou o cenário tão vividamente que sua boceta realmente doeu para que isso acontecesse. A necessidade frustrante a manteve em seu aperto tortuoso. Talvez esse fosse o tormento do diabo, um desejo sexual tão ardente e tão insatisfeito que a fazia querer gritar de dor. Ela tentou se mover novamente, mas não conseguiu. Sua carne formigou, pequenas faíscas quentes de tortura prazerosa.

—Lady Althea. —O demônio gritou. Uma cortina de contas passou sobre seu corpo, correndo ao longo dela enquanto ele a carregava sem afastar os fios. A sensação deles a acariciou, apenas piorando as sensações.

—Eu preciso que você ajude uma Merr.

—Lorde Demon, o que faz... —A voz de uma mulher parou abruptamente.

—Ela estava na água. —Demon declarou.

—Eu imagino que sim. —Althea respondeu. —Mas o que você espera que eu faça com isso? Leve a pobre criatura para as celas de scylla e deixe-a encontrar a paz lá. Então volte para que eu possa cuidar desse corte na sua coxa. Parece profundo.

—Ela não é uma *scylla*. —Demon protestou. Victoria sentiu-o levá-la mais para dentro do quarto. —Ela é uma sereia. Eu a encontrei na água. Ela estava acorrentada. Veja, o vermelho na cintura dela? Ela ainda é uma Merr.

O demônio a colocou em um pequeno sofá e ela ficou grata por parar de se mexer. As correntes oceânicas flutuavam sem parar e não havia quietude na água. Se ela não pudesse ter a fantasia fervendo dentro de seu corpo, ela queria sonhar neste lugar confortável para sempre. O calor do desejo sexual esfriou quando as mãos do homem a deixaram.

—Não na minha mobília. —Althea repreendeu.

Pelo que Victoria podia ver, a curandeira era uma mulher esbelta. Ela usava um vestido brilhante azul claro com bordas mais escuras. Dois alfinetes seguravam o vestido nos ombros para criar tiras finas. O cabelo castanho estava enrolado na cabeça para formar uma coroa de cabelo.

—Demon, por favor, ela está toda molhada, e as *scyllas* nunca deixam este mundo bem. A leve para as celas de retenção. Gregor pode ajudar a aliviar seu sofrimento melhor do que eu.

—Eu não vou levá-la para a cela. —Demon declarou. —Você vai ajudá-la ou não?

—*Obrigada*. —Victoria pensou, feliz por ficar mais tempo nas almofadas.

—Pelo menos leve isto e me traga um cobertor de verdade. Este manto úmido não está secando nada. Espere, você...? —Althea perguntou com um suspiro. —Era ela?

O som de passos em um chão duro irrompeu ao redor dela. Ela sentiu as mãos no rosto e no pescoço. Foi quando ela percebeu que estava completamente nua. Victoria não era puritana, mas

também não estava acostumada a ficar vagando sem roupa, especialmente quando outras pessoas a viam. Infelizmente, ela não conseguia se mexer para se cobrir.

—Você pode me ouvir? —A curandeira perguntou.

—*Camisa*. —Victoria pensou.

As mãos não deixaram seu rosto, mas Victoria sentiu um tipo de cobertor sendo puxado para cima de seu corpo para cobrir o peito. O demônio deve tê-la coberto. Isso pareceu uma coisa estranha para um demônio fazer.

—Ela vai viver. —Demon declarou como se ele detivesse o comando sobre a vida e a morte. —E ela não é uma *scylla*. Ela é uma sereia.

—Ela não é daqui. —Althea respondeu, suas mãos ainda se movendo sobre o rosto de Victoria da maneira mais estranha. Era quase como se os dedos da curandeira mandassem vibrações ao cérebro para ler os pensamentos de Victoria. —Você sabe disso, não sabe? Ela vem de cima. Ela é nova também, menos de seis meses ainda, menos do que isso para sua transformação de humana para Merr. O que essas olímpicas estão pensando? Por que elas intencionalmente arrastariam as pessoas para o nosso mundo? Elas pensam em encher a cúpula de pessoas? E por que elas, então, transformariam essas pessoas em *scylla*? A rainha Maia pode ser tão fria?

—A transformação fez algo com Maia. —Demon disse. —Eu acho que a frieza do abismo era demais para ela. A danificou por dentro.

—Você é o único que pensa assim. —Althea ponderou. —Eu pensei que vocês caçadores tinham essas bruxas do mar contidas?

—Elas continuam encontrando novos túneis. —As palavras de Demon soaram defensivas e um pouco irritadas.

—Você percebe que isso faz dela sua protegida. —As mãos da curandeira se afastaram de seu rosto.

—Não, não. —Demon negou. —Eu não sei nada sobre cuidar de uma protegida. Eu vou levá-la para meus irmãos. Eles têm esposas. Eles saberão como cuidar de uma...

—Não funciona assim. —Althea riu. —E você sabe disso. Ela é toda sua, meu senhor. Parabéns. Antes que eu me esqueça, Aidan foi para o campo, então você terá que adaptá-la à Atlas. Ele não está aqui para explicar o modo das coisas para ela, se ela tiver uma reação irracional a essa realidade. Porém, o meu palpite é que ela já recebeu uma grande dose da nossa realidade.

—Mas eu não posso mantê-la comigo. Eu vou prejudicá-la. —Demon ainda protestou. —Você não pode...?

—A única coisa que posso fazer é ajudá-lo com esse corte. Quanto à sua aflição e à sua protegida, esses são os dois assuntos que você precisa cuidar sozinho, Lorde Demon. Eu não posso ajudar você também.

—Mas...

—Eu estou com Aidan, então eu não vou aliviar a aflição de ninguém, além da dele. Encontre uma ninfa do prazer. Quanto a essa mulher, não há mais nada que eu possa fazer.

—*Silêncio.* —Victoria tentou não ouvir a briga deles. Ela era impotente para contribuir para a conversa sobre seu destino e o sono parecia maravilhoso. Ela não queria nada mais do que cair no nada, doce e abençoado nada.

Capítulo 5

Demon estava sobre o deck do box, em seu banheiro, passando a mão sobre sua ereção dura e quente enquanto a água fresca caía sobre ele para lavar o sal e o sangue. Ele nem sequer parou para pegar sabão. O Merr não se transformava em água doce, apenas no oceano. As mãos da curandeira eram nada menos que magia, e o corte em sua coxa começara a curar. Mas ela estava certa, não havia mais nada que Althea pudesse fazer por ele, especialmente para sua aflição.

Ele morava na seção de caçadores do palácio em um dos doze apartamentos montados para eles. Cada equipe de caça tinha uma sala e cada homem seu próprio lugar. Isso mantinha-os juntos em tempos de trabalho. Ele sabia que os apartamentos de seus irmãos estavam vazios, já que estavam em suas casas de campo com suas esposas. Isso o deixou com poucas opções quanto ao que fazer com sua protegida. O melhor seria conseguir permissão do rei Lucius para levá-la ao campo e apresentá-la a cada uma de suas novas irmãs por casamento. Elas tinham sido humanas muito mais recentemente do que ele.

Seu pau doía como sempre ficava quando voltava de um longo mergulho. Só que, por algum motivo, desta vez pareceu mais urgente. Segurar a pele macia de uma mulher o tinha afetado profundamente, deixando um pouco de medo que ele não podia afastar. E se ele a machucasse? Ela era tão suave, tão delicada, tão...

Demon gemeu, incapaz de se ajudar. Suas mãos deslizaram contra seu corpo molhado quando ele a carregou. E, para sua vergonha, ele queria fazer coisas ruins e perversas. É por isso que ela não poderia ser sua protegida. Ele não confiava em si mesmo para

cuidar dela adequadamente. Ele teve que fazer um grande esforço para ignorar as imagens em sua cabeça, incitando-o a pressioná-la contra a parede e afundar seu pau profundamente, com força e repetidamente, como uma fera furiosa.

Ele empunhou as duas mãos sobre seu pau e balançou os quadris. Por mais que isso o envergonhasse, ele não conseguia parar de pensar na mulher, em seus braços, exposta no sofá, seios, coxas, os pelos que escondiam sua boceta, os lábios, a boca... *Porra!*

Ele bombeou com mais força, tão concentrado em sua aflição que a sensação das mãos deslizando ao longo de suas costas o pegou de surpresa.

Ele escorregou no deck molhado e suas mãos deslizaram de sua ereção. Ele tropeçou, colocando as mãos na parede para não cair. Antes que pudesse ficar em pé, as mãos estavam mais uma vez em sua pele, movendo-se ao longo de suas costas e bunda. Demon ficou muito quieto, sem saber como reagir.

O corpo nu e molhado da mulher deslizou ao longo do dele quando ela deu a volta pela frente. Sua pele ainda tinha a coloração translúcida, mas seus olhos estavam mais conscientes. Seus seios grandes levantaram enquanto ela ofegava por ar, os mamilos duros roçando por sua pele quando ela se aproximou.

—A... aflição... minha... —Ele tentou explicar o que estava fazendo, mas as palavras eram uma bagunça confusa enquanto ele estava indefeso contra suas ações.

Os dedos dela praticamente agarraram seus ombros quando ela o empurrou para baixo. As ripas do deck cortaram sua bunda. Ela pressionou contra a ferida em sua perna, mas ele não se importou quando ela se abaixou sobre ele. As curvas exuberantes do corpo dela, a pressão suave de sua pele, tudo isso o fascinou.

Quase instantaneamente, ela deslizou em seu pau molhado. A água do chuveiro derramava sobre eles, colando seus cabelos em seus corpos. Gotas caíram na boca dela, apenas para sair quando ela fechou os lábios. O gesto sedutor era mais do que ele poderia aguentar.

Demon agarrou seus quadris, levantando-a e puxando-a para baixo com força. Ela não falou, não gritou, mesmo quando separou os lábios e levou as mãos ao peito dele. Ela não era uma boneca ninfa de prazer sintética. Enquanto ela se movimentava, ele soltou seus quadris e alcançou seus seios. Ele queria virá-la e prendê-la embaixo dele, mas ela o havia prendido entre suas coxas maravilhosas e ele não ousava se mexer para que ela não parasse de se movimentar para cima e para baixo sobre ele.

Seus impulsos tornaram-se quase raivosos, como se ela tentasse puni-lo com cada empurrão ganancioso. Demon não resistiu, não conseguiu conter seu êxtase. Ele gozou enquanto ela ainda estava balançando sobre ele. Ele ficou tenso e cada músculo endureceu. Ela balançou várias vezes antes que ela também congelasse. O som da água batendo na pele pontuou os longos momentos antes que ela finalmente se afastasse dele.

O que acabou de acontecer?

Ele olhou para seu pau já flácido. Era como se ela tivesse sugado a vida para fora dele. Olhos verdes encontraram os dele através da água caindo, arredondados e confusos. Ela olhou para ele. O tom de sua pele estava voltando, mas ainda não tinha voltado completamente a um tom normal.

Tantos sentimentos estranhos brotaram dentro dele, e ele demorou mais para ficar de pé. A ferida em sua perna doeu quando ele se moveu, tendo sido agravado pelo ato de fazer amor. —Você é tão...

Seus olhos se arregalaram ainda mais e ela deu um passo para trás.

—Linda. —Ele terminou, incapaz de pensar em uma palavra mais adequada. Havia tantos pensamentos em sua cabeça que ele não conseguia compreendê-los para formar uma frase, muito menos uma conversa. —Amor.

Ela olhou para o chão como se tentasse entender o que ela havia feito.

—Eu sinto muito. Eu não percebi que você estava sofrendo da aflição também. Eu deveria saber, mas...

Ela olhou novamente para os olhos dele. Ela abriu a boca, mas ainda não saiu nenhum som. Demon puxou o cordão do chuveiro e a água parou. Ele foi até uma cesta em uma prateleira e pegou toalhas secas. Ele ofereceu a ela, mas ela não se moveu prontamente para aceitá-las.

—Elas explicaram o que é este lugar? —Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça antes de pegar a toalha.

—*Você pode me ouvir?* —Ele tentou, usando telepatia.

Ela continuou a olhar para ele, não indicando que ela o conseguia.

—Esta é a minha casa. —Disse ele, apontando ao redor do chuveiro, antes de sair do banheiro para a parte principal de seu apartamento.

—Estamos no palácio real em Atlas. É uma cidade. Nós chamamos de país Ataran. Você ouviu falar?

Ela novamente balançou a cabeça, sem tirar os olhos dele.

—Você está em Atlantes. Você já ouviu falar de Atlantes?
—Demon tentou gesticular para ajudá-la a entender. Ele moveu as mãos de cima para baixo. —Por baixo do oceano.

Ela olhou para cima. Pelo menos ela parecia compreender as palavras dele.

Ele arqueou os braços em forma de domo. —Estamos dentro da água, em uma bolsa de ar. Você está segura aqui.

Ela voltou sua atenção completamente para ele.

—Eu sou Demon. —Disse ele.

Com isso, os olhos dela se estreitaram e ela começou a se afastar dele em direção à porta.

—Eu sou um *Guerreiro*. —Ele tentou explicar, girando para observá-la. Ele não tinha certeza de onde ela estava tentando ir. Sua casa foi projetada como as outras no palácio. Fora do banheiro, ele tinha uma grande sala de estar quadrada com sofás baixos. Próxima a ela, havia um escritório que ele raramente usava e um quarto para dormir.

—Eu caço com meus irmãos. Tiramos as mulheres da superfície e as trazemos para...

Suas palavras foram interrompidas quando ela correu dele.

Ele correu atrás dela. Ele ouviu um estrondo e chegou até a porta para ver que ela havia tropeçado em seu sofá e derrubado um vaso. Ela rastejou pelo chão, a toalha arrastando atrás dela enquanto tentava se mover e segurá-la ao mesmo tempo.

—Se você está preocupada com o sexo, está tudo bem. Nós tivemos a aflição. Eu sempre fico particularmente excitado depois de estar no oceano. Eu vejo que é o mesmo para você. Estou disposto a deixar você me usar assim novamente, se ainda tiver uma

necessidade. —Ele sorriu esperançoso enquanto olhava para onde seu pau estava empurrando contra a toalha. Vê-la engatinhar foi particularmente excitante, especialmente quando a toalha caiu de seu traseiro exuberante.

—Afli... —A mulher tentou falar. Era óbvio que uma combinação de ser fisicamente fraca e insegura de seu entorno causara confusão. Ela recuou até se encostar contra a porta.

—É como chamamos nossos desejos sexuais não liberados. Aflição. —Ele deu a volta no vaso quebrado. Era uma pena. Ele tinha a peça há mais de mil anos. —Se o Merr, que é o que somos, não encontra libertação, a tensão se acumula dentro de nós e se transforma em raiva e agressão. Brigas começam e não são agradáveis para ninguém.

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Não há nada como uma liberação de aflição para trazer os níveis dentro de nós de volta ao normal. —Continuou ele. —Talvez, se tentarmos de novo, você se sinta melhor e seja capaz de falar?

Ela deu um pequeno sorriso, mas ele não achou que estava aceitando sua oferta.

—Muitos estão convencidos de que isso é mais uma punição dos deuses. Ser amaldiçoado com tantos desejos, mas ter pouquíssimas opções em se tratando de amantes. Milhares de anos tendem a criar muito drama entre casais e entre amantes. É mais fácil ficar apenas com um companheiro.

Ela abriu e fechou a boca várias vezes antes que conseguisse dizer.

—Morta.

—Não, você está transformada. —Demon se aproximou.
—Não morta. Mudada.

Ela pegou a maçaneta da porta como que para avisá-lo de suas intenções.

—Tão linda. —Ele acrescentou, na esperança de agradá-la. Brutus disse que sua nova esposa gostava quando ele dizia coisas boas para ela.

—Sua cauda é... muito... verde, como seus olhos.

A mulher abriu a porta e correu.

Demon franziu o cenho. Ele achou que era um bom elogio. Ela tinha uma cauda bonita. E com curvas em todos os pontos certos. Sem falar que, uma vez transformada em humana, essas curvas tornaram-se absolutamente deliciosas.

—Mulher, pare! —Demon seguiu atrás dela, ordenando que ela parasse de correr. O que mais ele poderia fazer? —Me obedeça. Protegida, eu disse pare. Volte para a minha casa.

A mulher tola não escutou.

Capítulo 6

Victoria não sabia aonde ela estava indo, ela só sabia que tinha que ir. Ela correu com medo do homem grande, sobre os pisos duros dos corredores intermináveis. Ele era um guerreiro demoníaco autodeclarado. Isso não poderia ser bom. Sem mencionar o fato de que ela o atacou no chuveiro como se sua alma estivesse drogada. Isso foi um encontro? Soava como um encontro. Se não, deveria ser.

Victoria correu mais rápido. Seu pensamento estava começando a fazer sentido. Mas ela estava ocupada demais se concentrando em assuntos sem importância. Porra de alma. Porra de droga. Porra de caudas e barbatanas e demônios e sereias e monstros marinhos e...

Ela virou a esquina, não se importando aonde estava indo, contanto que estivesse longe do demônio. Ela correu por um arco, olhando em volta tempo suficiente para se certificar de que o lugar estava vazio. O chão de pedra continuava na área aberta. O mosaico de azulejos na parede retratavam criaturas do mar. Isso a lembrava da arquitetura marroquina que ela havia visto em um parque temático. O esmalte da obra de arte brilhava na luz enquanto ela passava, criando uma ilusão subaquática. Ela olhou para cima e percebeu que estava embaixo d'água em uma bolha.

—Mulher, pare! —Gritou o demônio. O som de seus passos acelerou.

Victoria olhou por cima do ombro enquanto se apressava até o final do saguão. Ela correu mais rápido. Ela não se sentia como ela mesma. Emoções e sensações a encheram, algumas dizendo a ela para se virar, outras dizendo para ela correr mais rápido.

De repente, o chão desapareceu debaixo dos seus pés. Seu corpo se agitou quando ela mergulhou em uma poça de água. Ela engasgou, lançando os braços em um esforço para chegar à superfície. Seu corpo formigava violentamente, o líquido queimando sua pele. Ela tentou chutar, mas suas pernas se recusaram quando ficaram presas, fundidas em uma só. A água salgada encheu sua boca quando uma força invisível a puxava para baixo.

Afogando. Novamente.

Victoria segurou a respiração. Mas provou-se inútil quando o líquido encheu seus pulmões. Ela agarrou seu pescoço. Uma barbatana chamou sua atenção e ela colocou as mãos diante do rosto para ver que elas brotaram de seus braços. A cauda estava de volta.

Não se afogue. Sereia.

Ela olhou para cima, e viu Demon de pé sobre a piscina olhando para baixo. Ele usava a toalha longa e fina em volta da cintura como uma saia. A água distorcia as linhas onduladas de sua imagem. A queimação parou e a dor diminuiu. Ela permaneceu abaixo.

Outra forma se juntou a Demon, parando para observá-la flutuando na piscina. Eles gesticularam para ela, depois para longe e depois de novo. A água se acalmou em pequenas ondas e a imagem ficou mais nítida. O amigo de Demon tinha cabelo castanho claro e era menor em tamanho. Ele usava uma toga.

—*Venha.* —Disse uma voz. Demon alcançou sua mão na água e a manteve em direção a ela.

Sua cauda sacudiu, impulsionando suas costas. Ela fez isso de novo, se afastando. Transformar-se na água tinha doído e ela

receava que sair novamente tivesse o mesmo efeito. Além disso, a cabeça dela estava mais clara na água.

—*Eles mataram Pirene.* —Uma voz sussurrou. A voz não era tão forte quanto a de Demon. —*Ela estava checando as flores sobre o mar. Eles apanharam uma antes que pudéssemos recuperá-la.*

Victoria agitou o braço. Ela girou na água para ver de onde vinha aquela voz.

—*Eles roubaram dois dos nossos.* —Respondeu outra voz.

O tom da segunda voz assustou-a e ela se lançou para frente. Ela agarrou a mão de Demon, deixando-o tirá-la da piscina de água salgada. O segundo homem entregou-lhe uma toalha. Demon pegou-a e passou sobre sua cauda, secando-a. Ela tomou a toalha dele enquanto suas pernas tomavam forma, segurando-a contra o peito para esconder sua nudez.

—Minha senhora, bem-vinda à Atlas. —O homem parecia jovem, e não tão assustador quanto o demônio ao lado dele. Seus cintilantes olhos azuis brilhavam com bondade. Os cabelos castanhos claros caíam em suas costas. —Lorde Demon, você não vai nos apresentar?

O cabelo preto de Demon tinha começado a secar. Seus olhos eram profundos e a luz dava a eles um brilho prateado. —Minha senhora, deixe-me apresentá-la ao rei Lucius.

Um rei?

Victoria ficou de pé, sem saber se deveria fazer uma reverência ou se curvar. Desde que ela estava tentando segurar uma toalha contra seu corpo nu, ela só conseguiu um aceno de cabeça. —Sua Majestade. Eu sou Victoria Jane.

—Victoria Jane. —Demon sussurrou. Ela deu ao homem um olhar estranho pela maneira reverente como ele repetiu o nome dela. —Ela é meu amor.

Victoria tossiu de surpresa com a declaração. Ele disse amor? Certamente havia algo perdido na tradução. Ele quis dizer amante?

O rei respirou fundo. —Claro que ela é. Os *Guerreiros* tiveram muita sorte em encontrar companheiras. Eu deveria trocar minha coroa para ser um caçador, e daqui a mil anos talvez os deuses também me abençoem. Parece que é a única maneira de conseguirmos mulheres. —Voltando sua atenção para Demon, ele disse: —Por favor, leve Lady Victoria daqui. Lady Bridget vem com os jovens. Ela não ficará satisfeita se houver uma mulher despida em sua piscina. Você sabe como essas mulheres da superfície são sobre nudez. Você está convidado a voltar quando sua mulher estiver vestida para apresentá-la como sua esposa. Você, claro, tem a minha bênção.

—Companheiros? Esposa? —Victoria repetiu, sacudindo a cabeça. O sexo foi bom, mas vamos lá. Isso foi mais do que um pouco rápido. —Não, eu...

O som de risada infantil e de pés correndo a interromperam.

—Muito obrigado, meu rei. —Demon entrelaçou o braço dela com o seu e levou-a para longe da piscina.

—Você quer se casar comigo depois de uma vez? —Victoria exigiu enquanto ele a levava de volta pelo caminho que ela tinha corrido. De todas as coisas torturantes, horríveis e perigosas que ela pensou que aconteceriam com ela, o casamento não estava na lista. —Que tipo de inferno é esse? E que tipo de demônio você é?

—Estamos amaldiçoados, mas isso não é um inferno. —Ele sorriu para ela. —Especialmente agora. Eu te disse, você está em

Atlantes e eu sou um caçador. É uma posição honrosa. Eu tenho esperado que os deuses me abençoassem com uma mulher que me queira e assim foi feito. Como uma sereia, você entende como é para nós.

Ela olhou para trás enquanto ele a levava através do arco. Três garotos correram em direção à piscina, saltando no ar sem se incomodar em tirar as togas. Uma mulher usando um vestido de organza que cintilava à luz apressou-se atrás deles. Seu cabelo preto estava preso na nuca em um coque grosso.

—Eu vou ser um caçador, assim como nosso pai. —Um dos meninos gritou antes de cair na água.

—Não, você não vai ser. Você está com medo do Sr. Tentáculos, o monstro marinho. —Outro respondeu.

O terceiro garoto apenas gritou de alegria.

Foi então que ela percebeu que Demon tinha parado de andar. Ela olhou para ele, vendo sua atenção nos garotos. Ele ficou na esquina, quase escondido da vista deles. O olhar em seu rosto dificilmente era demoníaco ou assustador. Na verdade, ele parecia quase melancólico. A suavidade da expressão pegou-a de surpresa.

—O que foi? —Ela perguntou.

—Eu gosto do som. —Ele disse.

Ela olhou para a piscina, ouvindo tapas altos contra a superfície da água.

—De água espirrando?

—Crianças. —Ele corrigiu. —Faz tanto tempo desde que nosso povo teve filhos. Na verdade, estes são os únicos três em toda a Atlantes. Lady Bridget e seu marido são verdadeiramente abençoados.

—Eu não entendo. Eles parecem ter cerca de dez ou onze anos. Eles foram para algum lugar? —Ela olhou para o teto. No interior, era difícil imaginar que houvesse uma cúpula e um oceano sem fim em cima deles.

—Não. Não há como ir a lugar nenhum. Uma vez que você está em Atlantes, esta se torna sua casa, e ninguém pode retornar ao mundo da superfície. —Demon suspirou sonhadoramente quando finalmente começou a andar novamente. —Não sabemos por que não fomos abençoados com mais filhos. Nenhuma das outras esposas engravidou, e admito que há pouco para me fazer acreditar que seremos tão abençoados, mas ainda assim espero.

Victoria não sabia como responder. Casamento? Crianças? Acasalamento? Amor? —Você sabe que sexo não é igual a amor, certo? E que você não precisa se casar só porque nós fizemos isso.

Ele realmente parecia confuso por sua distinção. —Mas quando é, você sabe.

Ela tentou compreender a estranha mudança que sua vida havia tomado. Agora que seus pensamentos estavam mais claros, ela sentiu que podia racionalizar o que estava acontecendo. Várias coisas que ela sabia serem fatos: algo havia perfurado o fundo do barco alugado e ela se afogara; ela foi resgatada e carregada por um longo caminho através da água por uma mulher com cabelos ruivos e olhos raivosos; então elas a afogaram uma segunda vez e um rabo cresceu nela. Essa era Atlantes, a cidade perdida do mito, e muitas das coisas românicas antigas davam a impressão de que ela estava presa no tempo: a decoração, as roupas, as pinturas em mosaico nas paredes.

—Lorde Demon? —A mulher de cabelos negros chamou. Ela veio correndo atrás deles.

Seu forte sotaque americano capturou a atenção de Victoria imediatamente. Foi só então que ela contemplou os sons que ouvira, embora o fato de todos falarem a mesma língua fosse a coisa menos mágica sobre esse lugar.

Olhos azul acinzentados estudaram Victoria quando a mulher sorriu.

—Então é verdade. Nós fomos abençoados novamente. Eu não sabia que você estava à caça na superfície. Você teve contato com o ar da superfície? As algas funcionaram? Pensei que você estivesse guardando a cúpula para impedir que as olímpicas atacassem.

—Eu estava. —Demon disse. —Eu não a encontrei na superfície. As olímpicas a acorrentaram na água.

—Acorrentaram? Então ela é nova em Atlantes? —A mulher franziu a testa. Ela piscou de repente e estendeu a mão. —Desculpe, desculpe, minhas boas maneiras. Eu sou Lady Bridget ou Bridget. Eu não tenho certeza se vou me acostumar com a parte formal. —Ela deu uma risadinha. —E você é Victoria Jane.

—Victoria está bem. —Victoria respondeu. —As pessoas geralmente confundem meu sobrenome com parte do meu primeiro nome. No ensino médio, eu odiava meu nome porque me fazia soar como uma cantora country.

—Eu gosto dos trovadores que brincam no campo. —Demon inseriu.

Bridget deu-lhe um sorriso compreensivo enquanto continuava conversando com Victoria. —Então você é da superfície. Há quanto tempo você está aqui embaixo? As olímpicas encontraram você e te salvaram, ou elas são a razão pela qual você foi atraída para a água?

—Me salvar? —Victoria segurou a toalha mais firmemente em torno de seu corpo e deu uma risada sem graça. —Aqueles mulheres loucas fizeram discursos sobre lealdade e aumentar seus seguidores, e então nos avisaram que poderiam tirar nossas vidas com a mesma facilidade com que as deram se não nos juntássemos a elas.

—Nós? —Demon perguntou.

—Ainda é confuso, mas eu lembro que há mais de nós nas cavernas. —Ela estudou suas expressões sérias enquanto a observavam. —Por que, quem são essas olímpicas? O que elas queriam comigo?

—A rainha Maia deve estar tentando aumentar o número de seus seguidores. —Bridget argumentou para Demon, antes de explicar. —Maia lidera um grupo de sereias renegadas que se chamam de olímpicas. Nós pensamos que finalmente as tivéssemos contido na região do Monte Olimpo depois que elas tentaram destruir a cúpula com terremotos. Maia não ficou satisfeita. Infelizmente, parece que elas continuam encontrando a saída da cúpula para o oceano. Nós sabíamos que elas estavam atraindo homens para serem seus escravos, impedindo-os de se transformarem em Merr, mas esta é a primeira vez que ouvi falar delas atraindo mulheres.

—Quem sabe o jogo doente que elas jogam. —Demon disse. Ele tocou o ombro de Victoria. —Elas a deixaram para se transformar em uma *scylla*.

—Eu não acho que é isso que elas queriam. —Victoria disse, tentando resgatar sua memória. —Eu acho que foi um teste ou uma iniciação. No começo, pensei que elas queriam que eu lutasse para voltar para a cúpula, mas depois lembro de ter ouvido alguém me chamar. Se isso faz sentido. Eu também pensei que estava conversando com uma garota da minha infância chamada Becky

enquanto tentava recalcular meus impostos. Eu estava louca por ficar sozinha na água.

—Então é isso que Pirene estava fazendo no oceano. —Demon concluiu. —Ela foi enviada para tirar você da água e trazer você de volta. Ela também teria conseguido se não a tivéssemos capturado em águas abertas.

—Sim, Pirene. Eu conheço esse nome. Ela estava colhendo flores do mar, ou algo assim. —Victoria disse. —Eu acho que talvez *eu* seja uma flor do mar?

—Meu marido sai em patrulha hoje. —Bridget disse, recuando. —Preciso entrar no abismo e avisá-lo. Pode haver outras na água.

—Você precisa de mim para olhar os meninos? —Demon ofereceu. Victoria imaginou ter ouvido esperança ou entusiasmo em sua voz.

—Não, o rei os olhará. —Bridget descartou sua oferta. —Nada acontecerá com esses três demônios enquanto estiver em Atlas. Eles não podem ir a lugar nenhum sem que isso seja relatado a mim.

Victoria observou a mulher sair. Ela estava cansada, úmida e precisava de um cochilo. Além disso, ela não conseguia se lembrar da última vez que comeu.

—Lady Victoria Jane. —Demon disse, sorrindo para ela. —Essas sereias nunca mais vão te machucar. Eu te dou minha palavra. Eu farei qualquer coisa que você exigir de mim.

—Apenas Victoria está bem. —Victoria observou o homem grande ao seu lado. Havia serenidade em sua expressão, parecia tolo que ela estivesse com medo dele mais cedo. —Você sabe o que você pode fazer por mim?

—Qualquer coisa. —Seus olhos focaram em sua toalha.

—Roupas. —Ela afirmou simplesmente. —Minha bunda está a mostra.

Ele se inclinou como se para verificar essa informação por si mesmo.

—Não, eu não acho que esteja, mas é uma ótima bunda. Eu gosto muito dela.

—Ah, obrigada. —Victoria deu uma pequena risada e inclinou a cabeça em um comando claro. —Vamos lá, Sr. Romântico, lidere o caminho.

—Meu nome é Demon. —Ele corrigiu. —Lorde Demon, o *Guerreiro*. Eu sou um caçador. Você esqueceu? Devo levá-la à curandeira?

—Você deveria me levar a uma geladeira. —Ela respondeu. —Estou faminta.

Capítulo 7

—Para você! —Demon levantou os braços para apresentar à Victoria tudo o que ela pediu ao entrar pela porta de sua casa. Os funcionários da cozinha trouxeram quinze bandejas cheias de cada comida que tinham para oferecer e as colocaram em uma mesa baixa. O rei pode não estar muito feliz com um de seus caçadores requisitando grande parte da refeição da noite, mas Victoria estava com fome. Demon também mandou avisar às costureiras para trazerem todas as roupas femininas que tinham para o seu quarto.

Ele franziu a testa quando percebeu que ela não estava na sala.

—Obrigado, irmão, estou com fome. —Brutus disse quando o último criado saiu.

A expressão de Demon mudou ao som da voz de seu gêmeo. Demon fez uma careta para o sofá enquanto um sorridente Brutus sentou-se para ser visto. Eles eram idênticos, de seus longos cabelos negros aos olhos escuros correspondentes. —Onde está Victoria?

—No quarto, se vestindo. Laurel lhe deu um vestido considerando que ela não tinha nenhum. —Brutus continuou a sorrir diabolicamente para ele.

A carranca de Demon se intensificou. Ele trouxera roupas novas para Victoria e estava animado para lhe dar os presentes. —O que você está fazendo aqui?

—Talvez eu tenha vindo para tornar minhas intenções conhecidas para Lady Victoria, sua protegida. —Brutus respondeu.

O homem sorriu novamente. —É justo. Ainda lembro de você tentando reivindicar a minha.

—Ela é minha mulher. Não minha protegida. —Demon respondeu com firmeza para que não houvesse erro. Ele olhou a roupa empilhada em seu sofá com suspeita. Quando Lady Laurel chegou pela primeira vez em Atlas, Demon ofereceu seu traje para comprar a roupa da mulher. Ela tinha sido a protegida de Brutus, e bem, Demon não podia se conter. Qualquer oportunidade de provocar seu irmão era difícil demais para deixar passar.

—Ela sabe que é sua mulher? —Brutus deu ao seu irmão um sorriso travesso.

—Sua esposa sabe que você está mostrando intenções para outra pessoa? —Lady Laurel apareceu do quarto de Demon. Ela arqueou uma sobrancelha para o marido. Seus olhos castanhos tinham rajadas cor de ouro, dando-lhes um contraste único. Brutus falava interminavelmente sobre os olhos de sua esposa quando eles estavam caçando.

Demon ficou muito feliz em ver sua irmã por casamento. Ela fez um excelente ponto. —Você não pode ter duas esposas.

—Eu não acho que isso esteja nas leis. —Brutus disse. —Se minha adorável esposa concordasse em tomar outra...?

—Não é ilegal? —Laurel cantarolou pensativamente. —Oh, bem, nesse caso, ela é muito bonita.

A boca de Demon se abriu e ele demorou um momento para encontrar as palavras enquanto estava dividido entre pânico e frustração. Ele poderia assumir que eles não estavam falando sério. Isso não significa que os outros não podem ter a mesma ideia. —Victoria é *minha* mulher. O rei deu sua bênção. Eu vou anunciá-la agora mesmo para torná-lo oficial.

Laurel riu. —Estamos apenas provocando. Além disso, acho que a mulher tem que estar com você quando você anunciar. E por favor, não apenas assuma que ela sabe o que está acontecendo. Mulheres humanas não se apaixonam tão rapidamente quanto os Merr. Nós não somos.... —Ela fez uma pausa para se corrigir já que ela era agora uma sereia. —*Elas* não são feitas com a mesma informação biológica que os tritões têm.

Demon sorriu. Ainda bem que a mulher dele já era uma sereia. Nenhuma explicação seria necessária. Como ela poderia não sentir o vínculo entre eles? Era tão claro quanto um farol de luz em águas escuras. Ele havia vivido o suficiente para reconhecer algo bom quando encontrava, e a explosão de emoção quando pensava em Victoria era diferente de tudo em seus milhares de anos. Como isso não poderia ser amor? Por que ele questionaria algo tão honesto e simples? Por que ela iria?

—Oh, ela não precisa ir com ele. Deixe meu irmão anunciar que ele está se casando. —Brutus provocou. —Ele sempre foi o vaidoso de todos nós. Como Nárkissos, aquele caçador de Thespiae. Nós o encontramos olhando para seu reflexo, tão apaixonado por si mesmo que ele cai na piscina cada vez que vê seu próprio rosto. Só que ele não se afoga porque somos Merr, então ele está livre para se apaixonar de novo e de novo.

—Eu pensei que Nárkissos havia morrido de fome porque não conseguia se afastar de seu reflexo no espelho. —Laurel refletiu.

Demon ouviu do corredor.

—Não, era um lago. —Brutus disse.

—Você tem certeza? —Laurel perguntou.

—Há pouquíssimas coisas das quais tenho certeza. Uma é o meu amor por você. —Brutus respondeu.

Quando Demon voltou para sala, ele encontrou Laurel no colo de Brutus. Ela beijou o marido suavemente e olhou em seus olhos. Não havia como seu irmão gêmeo procurar outra mulher fora de seu casamento.

—Você é minha única. —Brutus sussurrou.

—Eu sei meu amor. —Laurel respondeu. —Diga que você é meu.

—Seu. —Brutus concordou.

Demon desviou o olhar. Ver a intensidade do amor deles era difícil. Victoria não tinha dito tal coisa para ele. Então, novamente, eles não estavam juntos há muito tempo. Ele disse a si mesmo que precisava ser paciente e esperar mais de um dia. —Eu não sou Nárkissos.

—Mas você é diabolicamente bonito. —Laurel piscou.

—Isso é porque eu pareço com seu marido. —Demon declarou.

—Talvez seja isso. Eu vou ver se Victoria precisa de ajuda. —Laurel voltou para o quarto.

Demon esticou o pescoço, tentando vislumbrar sua mulher no quarto.

—Por que você não mandou dizer ao país que você encontrou uma mulher? —Brutus perguntou. —Ou que você estava à caça na superfície sem o seu time?

—Eu a encontrei acorrentada no fundo do oceano.

—Ela é *aquela* sereia? Eu ouvi os rumores quando chegamos.

Demon contou a seu irmão os detalhes de como ele descobriu Victoria e como eles chegaram juntos. Bem, alguns

detalhes ele deixou de fora, já que seu irmão gêmeo não precisava saber como eles tinham curado sua aflição.

Brutus olhou para ele por um longo tempo, sem falar.

Demon respirou fundo. —Nós dois vimos Nemus no final. Se ela tivesse ficado na água por mais tempo...

Brutus levantou o dedo, impedindo Demon de terminar seu pensamento. —Hoje. Você a encontrou hoje?

Demon assentiu.

—E ela disse sim para se casar com você? —Brutus insistiu.

—Ela não disse não. —Demon defendeu. Isso era praticamente a mesma coisa. Havia um fato muito chato que ele descobriu sobre os homens recém-casados: todos pensavam que eles tinham as respostas e sabiam tudo sobre as mulheres. —Tenho certeza de que ela sente nossa conexão. Ela é uma sereia e terá o que a sua esposa chama de “*informação biológica*” da mesma forma que eu. Ela é nova em ser uma sereia, então eu esperaria que ela demorasse para falar as palavras. Quanto tempo demora, você sabe? Dois dias, talvez três? Eu sou paciente. Eu posso esperar até lá.

—Desejo-lhe boa sorte com isso, irmão. —Brutus sorriu.

—Por que você está aqui? —Demon foi até o sofá para inspecionar as roupas. Havia várias roupas íntimas rendadas, mais do que qualquer outro item. Ele se viu levantando uma para examiná-la quando o riso de Brutus interrompeu seus pensamentos pré-fantasia. Demon jogou as roupas rendadas na pilha com uma carranca.

—Cain relatou a morte de Pirene ao rei. Os *Cavaleiros* foram chamados de volta para procurar na plataforma da cúpula por mais túneis. Os *Soldados* de Hrafn saíram para procurar por *scylla*. Os

Caçadores de Solon estão patrulhando o oceano em busca de sereias acorrentadas ou não. Seria nosso dever, mas eu fui informado de que agora estamos indo para o Monte Olimpo por terra para procurar por Maia e trazê-la para dentro. Presumo que a mudança de última hora no serviço seja porque a sereia acorrentada é sua nova noiva.

Ao som de Laurel na porta, Brutus fez uma pausa e olhou para a esposa.

—Ela está dormindo. Deve ter sido uma provação que ela passou. —Laurel foi para uma das bandejas e pegou um punhado de pequenas frutas. —Eu a cobri o melhor que pude, mas ela está completamente inconsciente.

—Inconsciente por quê? —Demon fez um movimento em direção ao seu quarto. —Eu vou buscar para ela o que precisar.

Laurel levantou a mão. —Sem energia. Você deveria deixá-la descansar. Talvez dormir no sofá esta noite.

Demon olhou para toda a comida e roupas que ele trouxe para Victoria e franziu a testa em decepção. Ele queria oferecer a ela, para mostrar a ela que sabia como cuidar dela adequadamente. Depois de um longo momento, ele assentiu.

—Você é uma mulher. Se você acha que é melhor, vou seguir seu conselho.

Capítulo 8

Quando Victoria fechou os olhos, ela estava de volta ao escritório, processando ordens de compra e enviando e-mails de trabalho em um ciclo infinito que durava para sempre. Quando ela abriu os olhos, viu-se olhando para uma parede pintada, retratando uma sereia debaixo d'água olhando para o céu.

Sonho e realidade. Tudo foi revirado.

—*Você não vai vingar Pirene? Não fazer nada é fraqueza.*
—Sussurrou uma voz.

Victoria franziu a testa, olhando ao redor da sala para ver quem havia falado. Ninguém estava lá. Ela deu uma risada nervosa e tentou afastar o sonho.

Ela esfregou os olhos, voltando sua atenção para a porta aberta. A luz estava fraca. Ela se espreguiçou quando sentou-se. Suas pernas duras dificultaram a caminhada e ela se desequilibrou pelo chão em direção à sala de estar.

Demon estava deitado no sofá. Ele estava nu, exceto por parte de uma toga que cobria sua cintura e quadris. Seu braço descansava sobre os olhos. As sombras acentuavam as curvas de seu corpo musculoso. Um pé estava enganchado na parte de trás do sofá baixo. Ele parecia uma estátua de mármore para sempre em repouso, esculpida com perfeição. Cabelos compridos se espalhavam pelo lado do sofá, as mechas pretas tocando o chão. Era talvez uma das coisas mais bonitas que ela já viu.

Victoria andou lentamente ao redor dele, observando-o dormir.

Olhando ao redor da sala, ela notou que cada objeto tinha o seu lugar, cuidadosamente colocado depois de muito se pensar sobre o

local, tudo menos o pedestal vazio que antes continha o vaso que ela quebrou. Isso a fez se encolher.

O tempo não parecia se mover no oceano como antes, uma hora parecia um dia. Tanto tempo ela esteve no escuro, fria e solitária, pensando em todos os seus pecados e, pior, todas as suas chances perdidas. Ela deveria ter dito sim para mais encontros. Ela deveria ter dançado mais, dado mais risadas, se apaixonado mais.

Mas a realidade era que essas oportunidades não eram frequentes. Os homens não a convidaram para sair com frequência. O amor era uma coisa rara, e não se podia simplesmente cair naquilo porque eles queriam. Ela tinha se apaixonado por personagens fictícios, atores na televisão, homens em livros. Nunca na realidade. Tinha que haver algo lá, uma substância química, uma faísca, uma chama que queimava tão fortemente que não podia ser contida. Não havia caminho perfeito, para alguns era um momento, para outros era uma vida inteira.

Para ela, era agora.

Victoria esqueceu seus medos quando olhou para Demon. Ele não se mexeu, exceto pela subida e descida de seu peito. Este momento foi paralisado, um segundo desacelerou para o que pareceu uma hora. Ela podia ficar de pé olhando para ele para sempre.

Ela caminhou silenciosamente ao redor da sala de uma forma moderada. Seus pés descalços não faziam barulho no chão frio. Ela usava um vestido longo e disforme que envolvia suas curvas enquanto ela se movia. Laurel teve a gentileza de responder algumas das perguntas de Victoria. Isso não era o inferno. Os homens aqui

amavam. E a mãe de Demon lhe deu esse nome quando ele nasceu. Aparentemente, era um nome bastante comum e significava *“pessoas como um todo”* para os gregos antigos. Ela passou a mão sobre o pedestal vazio. Estranho, mas não surpreendente, que essa história transformasse pessoas em demônios.

O desejo tomou conta dela, não apenas a luxúria física que a levou a atacá-lo no chuveiro, mas o desejo de ter uma vida aqui. Quando ela olhou para Demon, ela o sentiu. Ela ouviu os pensamentos dele em sua cabeça, viu a compaixão em seus olhos, e entendeu como sua vida tinha sido solitária. Ela não conseguia compreender viver cem anos no oceano, e ele esteve aqui por milhares.

Ela voltou a olhar para ele de um ângulo diferente, de pé perto da cabeça dele. Ela tocou levemente uma mecha de cabelo preto.

Seu braço se moveu de seu rosto e olhos negros olharam para ela. Um brilho prateado captou a luz.

—Você tem os olhos mais incríveis. —Victoria manteve a voz suave para não perturbar a tranquilidade que os envolvia.

—Eles nem sempre foram dessa cor. Eles mudaram quando fomos enviados abaixo das ondas. Eu não sei porquê. —Ele olhou para ela, sem se mover.

Ela acariciou o cabelo dele novamente. —Você se lembra de descer?

—Impressões vagas. O passado me visita às vezes em sonhos. Outras são histórias contadas que substituíram memórias. Sabemos que nos afogamos, sabemos que foi doloroso, sabemos que as pessoas gritavam enquanto a terra tremia embaixo de nós. —Ele não se moveu quando ela tocou sua bochecha.

—Você foi amaldiçoado?

—Nós éramos arrogantes. —Ele admitiu. Seu olhar desceu sobre seu vestido, apenas para levantar novamente para encontrar o dela.

A mão dela caiu e ele sentou-se. O pano escorregou do quadril, mas continuou a cobrir o colo. Ela olhou para a coxa dele, resistindo à vontade de tocá-lo. O material se moveu, e ela viu quando ele ficou excitado.

—Poseidon veio do oceano e nos derrubou. Antes disso, os deuses nos abençoaram com prosperidade e um vasto império. Poseidon levantou Ataran do mar e fez dele o centro do mundo. Nós éramos seus filhos e eles nos amavam muito. Como crianças, nós crescemos e começamos a nos rebelar contra nossos pais. Atingimos nossos vizinhos, conquistamos tribos, consumimos mais do que precisávamos. Nós pensamos que éramos imortais, intocáveis. Quando não tínhamos batalhas, nós invadíamos. Quando não havia invasões, encontrávamos outras maneiras de aliviar o tédio. Nós prosperamos mais do que qualquer império necessitava prosperar. Então, em um ataque de euforia, o rei Lucius anunciou que éramos os novos deuses de nosso próprio reino e que nossa terra era mais bela e mais abundante do que a dos deuses.

—E os deuses não gostaram disso. —Victoria concluiu. Era difícil acreditar que o rei Lucius que ela conheceu era o mesmo homem. Ele mal parecia o arrogante fomentador de guerra que Demon descreveu. —Eles te derrotaram e você se tornou Merr.

—Fomos amaldiçoados por nossa vaidade, condenados a andar apenas neste paraíso afundado, a nunca mais pisar em solo mortal novamente. Era poético que estivéssemos presos aqui desde que pensamos que nossa terra era melhor do que a terra dos deuses. Então, aqui, nós flutuamos no fundo do abismo.

—*Ela me acusa de fraqueza.* —Uma voz sussurrou no fundo de sua mente.

Victoria olhou ao redor, imaginando de onde o som estava vindo. —E você começou a ouvir vozes em sua cabeça?

—Sim. Eu acho que de uma forma que deve ter sido um ato de bondade, nos deixando falar por telepatia enquanto estamos debaixo d'água.

—Você ouve os pensamentos de outras pessoas quando está fora da água?

—Sim, às vezes. —Ele assentiu. Seus lábios não se moviam, mas ela o ouviu claramente quando ele disse: —*Nós aprendemos a manter nossos pensamentos para nós mesmos.*

Ela estudou seu rosto, imaginando como ele fez isso.

—*Concentre seus pensamentos em mim.* —Demon instruiu. —*É um sentimento. Você saberá quando isso acontecer.*

—*Um sentimento. Você pode me ouvir?* —Ela perguntou.

Demon assentiu. —Sim, minha senhora, eu ouço você.

—*Isso é tão estranho.* —Ela admitiu. Talvez a voz feminina em sua cabeça fosse mais como linhas cruzadas em uma conexão telefônica antiga. —Conte-me mais. Eu gosto de ouvir sua voz.

—Esta é a nossa eternidade, tentando nos redimir a um deus que pode não estar olhando. —Demon disse. —Imaginando um mundo acima do qual muitos não conseguem se lembrar e que esqueceu que nós existimos.

—Esta casa é linda, e se a terra é como você descreve, então eu tenho certeza que há coisas nesta eternidade que... —Ela suspirou, percebendo que não havia muito que pudesse dizer. O que

ela sabia sobre mil anos? Mesmo a beleza, quando vista todos os dias, começaria a desaparecer até que a mais mundana de outra paisagem se tornasse desejada.

—Eu gostaria de mostrar a você. —Demon ofereceu. —Eu gostaria de ver através dos seus olhos. Eu tenho uma casa no campo. Os caçadores recebem propriedades para quando estamos em casa, depois de voltar das águas. Eu compartilho a minha com meu irmão, Brutus, e sua esposa. —Ele baixou os olhos. —Me perdoe. Quero dizer, *nós* compartilhamos com eles. Claro, a casa é sua também para fazer o que quiser.

—Se eu casar com você. —Victoria se aproximou dele, em pé enquanto ele estava sentado no sofá.

—Sim. Como minha esposa. —Ele assentiu.

Ela colocou o cabelo para trás do rosto dele. Abaixou a boca para a dele e o beijou. Ela manteve os olhos abertos, olhando para ele. Ele colocou as mãos sobre os quadris dela. O tecido de seu vestido subiu com o toque, o tecido deslizando a acariciava eroticamente ao longo de suas pernas. Ela retirou o tecido entre eles para expor o seu pau já excitado.

A luz fraca os iluminava com sua suavidade íntima até que seus movimentos foram acentuados como uma dança lenta para uma canção que só eles podiam ouvir, o sopro de suas respirações, a batida de seu coração, o som de seu beijo, o farfalhar do tecido. Quando ele a beijou, ela sentiu em todos os lugares. Prazer cresceu e ela não hesitou em esfregar seu corpo sobre o dele.

Os olhos dele permaneceram abertos, estudando-a com um olhar de espanto e admiração. Seu corpo se encaixou no dela como se fosse feito para estar lá. Eles fizeram amor gentilmente, deixando a paixão entre eles ferver constantemente. Quando eles encontraram o êxtase, foi uma conexão doce e feliz, muito diferente da ansiedade

de tê-la no chuveiro. Demon se inclinou de costas, trazendo-a com ele para descansar no sofá.

Victoria deitou a cabeça no peito dele. Ela não estava cansada depois de seu longo descanso, mas estava contente em ficar em seus braços enquanto ele fechava os olhos.

Depois do que ela passou nas mãos das olímpicas, ela não queria dar uma única oportunidade ou momento como garantido. Enfrentar a morte tinha um jeito de fazer com que outros riscos parecessem menos assustadores. Demon era um risco que ela estava disposta a aceitar, pois quem sabia o que o amanhã lhe traria?

Ela queria estar neste momento para sempre. —Sim, Demon, eu vou casar com você.

Capítulo 9

Casada.

Victoria olhou para o marido. Ele não parou de sorrir para ela desde o momento em que ele a trouxe para o café da manhã no refeitório do palácio, disse a todos as suas intenções, e então proclamou que eles estavam casados. Não era exatamente o vestido branco e o bolo de doze camadas que muitas meninas sonhavam, mas muitas meninas não se casaram com um tritão que se transformava e na cidade de Atlantes. Seu sorriso era contagiante, e ela se viu corando e rindo como uma adolescente entusiasmada em seu primeiro encontro.

Um grupo deles caminhou para além do palácio, para o campo em direção à segunda casa de Demon. Brutus e Laurel vieram com eles, assim como o irmão mais novo de Demon, Rigel. Todos pareciam ansiosos por chamar a atenção para os detalhes do ambiente, como se a sua admiração pudesse de alguma forma tornar a casa menos comum.

Por alguma razão, Victoria não esperava sair do palácio a pé. Ela não esperava nadar também. Para as pessoas que viveram tanto tempo, ela pensou que certamente eles teriam algum tipo de veículo para isso. Mas eles não tinham cavalos, nem motores mecânicos, apenas carrinhos puxados à mão.

O palácio ficava em uma grande colina e se abria para a cidade do vale de Atlas. O caminho da entrada para a cidade era uma trilha de terra, feita pela passagem interminável de muitos pés com sandálias. A própria cidade estava disposta em um sistema de quadras como se alguém tivesse medido a distância entre as ruas e

colocado casas e lojas próximas umas das outras como blocos de construção. A única curva era a estrada circular no meio da cidade.

Embora essas linhas ordenadas parecessem militantes em seu design preciso, as estruturas evidenciavam o domínio artístico. As paredes ao redor da cidade eram de pedras azuis com linhas amarelas seguindo horizontalmente através delas. Imagens de criaturas marinhas foram esculpidas em pedaços de pedra, gravadas nas portas e ladrilhadas nas paredes. Havia poucas pessoas do lado de fora, e disseram a ela que isso era porque ainda estava cedo.

—Tão lindo. —Victoria suspirou, parando para tocar um peixe esculpido.

—Nós, Merr, não temos nada senão tempo para aperfeiçoar nossas habilidades. —Rigel respondeu. —Você deveria pedir a Demon para lhe mostrar suas pinturas.

—Você pinta? —Victoria voltou sua atenção para seu marido. O que mais ela descobriria sobre ele? —O quê?

—O mural no quarto. —Laurel informou.

—Você o pintou? —Victoria pensou na sereia que ela tinha visto na parede dele.

—É um hobby. —Demon descartou. —Para passar o tempo.

—Você é muito talentoso. —disse ela. O elogio pareceu lhe trazer muito prazer.

—Ele é abençoado por você pensar assim. —Rigel brincou.

Rigel era uma versão mais leve de seus irmãos. Seu cabelo escuro não era muito preto e seus olhos eram cinzentos. Ele era menor e mais claro.

O exterior não era como ela imaginara. O céu era escuro, como ela se lembrava de ser o oceano, no entanto, era claro dentro da cúpula. Enquanto caminhavam, ela notou que os irmãos ficaram em uma formação natural, Rigel na frente, Brutus recuando para a esquerda, Demon a alguns passos atrás dele para a direita.

Não havia becos, apenas ruas de pedra. Como não havia veículos, ela imaginava que as pessoas não tinham utilidade para as calçadas. As construções eram retângulos altos com fendas estreitas para as janelas.

Ao passarem pelo centro, a estrada circular conduzia-os por uma estátua de uma sereia.

—*Devemos substituir a rainha.* —uma voz sussurrou.

—Me digam, por favor, o que é isso? —Victoria perguntou surpresa e olhou para o grupo.

—Os sinais dizem o que eles vendem. —Laurel explicou enquanto andavam pelo centro. —Esse símbolo significa roupas. —Ela apontou para o próximo sinal, “*peixe*”, e depois outro, “*pão*”.

—Laurel é uma boa aluna. —Brutus disse com orgulho.

—Eu posso te ensinar, se você quiser. —A mulher ofereceu.

Victoria assentiu. Um pequeno sentimento de angústia a atingiu com a ideia. A escrita parecia muito distante dos hieróglifos. Ela nunca foi boa em línguas estrangeiras.

Demon pareceu sentir seu nervosismo e colocou o braço ao redor dos ombros dela. —*Não se preocupe. Você conseguirá.*

Eles viajaram durante todo o dia até que Victoria considerou implorar-lhes para parar em várias ocasiões por causa de seus músculos fracos. Rigel frequentemente caminhava à frente como se estivesse ansioso para chegar ao seu destino. Brutus e Demon

conversavam em estranhas meias palavras, como se conversassem em uma língua de gêmeos que ninguém mais podia entender, mas que muitas vezes causava grandes gargalhadas entre os dois.

—Para caçar. —Um deles ficava triste.

—Para caçar. —O outro responderia com uma risada.

Laurel parecia gentil e entusiasmada em formar uma amizade. Ela claramente tinha boas intenções, mas Victoria teve a impressão de que a mulher estava desesperada por uma conversa com alguém do mundo da superfície. Laurel apontou vários fatos que aprendeu desde a sua descida. Ela falava de correntes oceânicas empurrando a cúpula pelo fundo do oceano, apontava pássaros que se aninhavam nos altos galhos da floresta que eles percorriam além de Atlas, e como era ilegal ferir as raras criaturas, pois uma que se fossem, eles nunca mais teriam pássaros na floresta.

Victoria deixou-a falar, tentando absorver toda a informação como se houvesse um teste depois.

Quando o céu escureceu ainda mais e a luz passou do dia para a noite, partículas de luz dançaram no alto. Laurel as chamou de estrelas do mar, pequenas criaturas bioluminescentes que eram atraídas pelo calor da cúpula. Listras escuras interrompiam suas danças enquanto criaturas marinhas maiores nadavam no alto.

—Estamos quase nas fronteiras que você estava falando?
—Victoria perguntou, esperando por uma cama e uma refeição que não consistisse em carne-seca tirada de uma sacola.

—Neste ritmo? —Demon olhou ao redor pensativo. —Eu diria cerca de mais dois dias, talvez menos.

Victoria parou de andar e olhou para ele. —Sinto muito, eu pensei que você disse que morava na fronteira. O erro foi meu. Até onde vamos andar para chegar à sua casa?

—Estamos perto das fronteiras. —Rigel disse, atirando a mochila que ele carregava nas costas. —Sua casa está a pouco mais de um dia de caminhada daqui. —Ele pegou vários cobertores e jogou dois para cada irmão antes de guardar um para si mesmo. —Vejo você pela manhã.

Victoria olhou ao redor da floresta. Demon liderou o caminho para as árvores próximas. Ela demorou a segui-lo pelo caminho principal.

—Dormiremos aqui?

—Linda, não é? —Ele encontrou uma pequena clareira e colocou o cobertor no chão.

—Ah... —Victoria novamente procurou nas árvores. Pássaros raros, ela aguentaria. —É seguro?

—Sim, as olímpicas não são vistas nesta parte da floresta. —Demon apalpou em torno do cobertor, apenas para levantar a ponta, retirar um pequeno graveto e jogá-lo de lado antes de novamente esticar o cobertor.

—E as cobras? Ou ursos? Tigres? Leões? Aranhas venenosas? —Ela esfregou os braços. —Eu fui acampar uma vez. —Ela olhou para cima, tendo quase dito na Terra, mas se corrigiu. —No mundo da superfície e acabei com hera venenosa e uma picada de cobra. —Ela ainda estava na Terra afinal, não importa quão fora de lugar sentia-se no momento.

—Você não está satisfeita, não é? —Demon deu-lhe um olhar confuso. —Peço desculpas, minha esposa, eu pensei que você queria ver o campo comigo.

—Eu quero. Eu não sabia que significava dormir nele. —Ela novamente examinou as árvores.

—Não acontecerá nada com você. Eu te dou minha palavra. Esta terra é muito mais segura que o oceano e você sobreviveu a ele.

Victoria olhou para o céu do oceano que espreitava através das árvores e deu um passo lento em direção a ele.

—Eu prometo na minha eternidade, darei minha vida pela sua. —Demon jurou.

Quanto mais ela se aproximava dele, mais ela sentia o amor que ele irradiava por ela. O medo acabou e ela estendeu a mão para ele. Quando ela se deitou, percebeu que a cama que ele preparou era surpreendentemente suave. Os músculos de sua panturrilha estavam doloridos e tensos, mas ela estava agradecida por estar deitada. Demon a puxou para perto dele enquanto olhava para o céu.

—Eu gosto de seus irmãos. —Victoria disse. —Vocês todos parecem muito próximos.

—Nós caçamos juntos. —Ele respondeu.

Percebendo tristeza, ela se levantou de lado para ver melhor o rosto dele. —O que foi?

—Nós tivemos outro irmão, Nemus. Mesmo na superfície, ele sempre foi um aventureiro. Quando fomos banidos para baixo, ele não conseguiu suportar o isolamento. Ele saiu para nadar no oceano em busca de mais. Isso foi antes de entendermos quem eram as *scyllas*. Nemus ficou muito tempo e se perdeu no caminho. O mar eventualmente leva até mesmo o homem mais saudável a enlouquecer. A água invade a alma, tirando tudo, exceto a necessidade de acabar com a nossa maldição.

—As *scyllas* são atraídas para a vida na superfície e destroem navios como ondas gigantes, tentando fazer parte do que já foram. Recentemente, recuperamos uma *scylla* na caça. Depois que a levamos para casa e ela começou a transformação de volta para o

que era, percebemos que havíamos encontrado nosso irmão. Ele morreu em uma cela, como todos eles morrem. Um Merr não é permitido nas celas quando a *scylla* se vai, mas a esposa de Rigel, Lyra, entrou lá. Ela disse que ele sussurrou uma palavra, “*oceano*”, antes de se dissipar. Levou uma semana de pesadelos horríveis para ela retornar a sua consciência depois que Nemus a tocou.

—E você acha que eu poderia estar me transformando em uma? Eu lembro que a curandeira me chamou assim.

—Você mostrou sinais, mas se recuperou. —Ele disse. — Nós tiramos você da água a tempo.

—Acho que foi a piscina do palácio. Quando caí de volta na água salgada, me senti melhor e meu pensamento clareou. —Ela deu de ombros. —Seja o que for valeu a pena. Eu não tenho certeza do que isso significa.

—Re-imersão em água salgada? —Demon a estudou pensativamente.

—Acho que tentamos tudo, mas vou contar aos cientistas o que você disse. Eles ainda estão procurando por uma cura.

—Você disse que as *scyllas* são atraídas para a vida. Talvez tenha algo a ver com a piscina... ou com as crianças nadando nela. Quem tem mais vida do que uma criança feliz? —Victoria voltou sua atenção para as árvores. —É realmente pacífico. Eu acho que posso ver a vantagem do acampamento.

—Vou sugerir que eles testem a água. —Demon disse. —Eu sempre achei que Nemus disse a palavra oceano porque ele era obcecado por *scylla*, mas talvez fosse uma mensagem. Obrigado pela sua informação.

—Eu sinto muito sobre o seu irmão. —Ela se aconchegou mais perto dele. —Procurar por ele por tanto tempo só para perdê-lo. A perda deve ter sido difícil.

—Obrigado.

Tão fácil quanto teria sido deslizar as mãos sobre seu corpo e fazer amor com ele no chão da floresta, ela descobriu que estava contente em se deitar ao lado de seu corpo quente e olhar para as estrelas da cúpula, observando as listras escuras no céu.

Capítulo 10

Demon acordou sabendo que algo não estava como deveria. Victoria foi embora. Ele havia dormido tão profundamente que não sentiu o movimento dela.

—Victoria? —Ele sussurrou, sentando-se para ouvir a floresta. Tudo estava quieto. —*Victoria?*

Ainda sem resposta. Ela estava com medo antes de se deitarem para dormir. Ele deveria ter prestado mais atenção a esse medo. Ela teria sentido perigo na floresta?

Demon se levantou, indo em direção ao caminho principal. Uma sensação de pânico passou por ele. —Brutus? Rigel? Vocês viram a Victoria?

Em instantes, seus irmãos estavam procurando na floresta, chamando sua esposa perdida. Laurel tentou ajudar, mas eles a fizeram ficar na estrada onde poderiam ficar de olho nela. Eles não perderiam uma segunda mulher.

Demon expandiu os seus sentimentos, chamando-a com sua voz e sua mente. Ela não respondeu. Ele procurou por umidade na cama, com medo de que ela pudesse ter se transformado em uma *scylla* e morrido, uma teoria improvável, mas um medo, no entanto. Os lençóis estavam secos.

Victoria desapareceu como se nunca tivesse existido. Ele prometeu protegê-la e ele falhou. Victoria foi embora.

—VIC-TO-RI-A, VIC-TO-RI-A. —A bela voz cantou, enchendo-a com paz e felicidade. A dor nas pernas de andar o dia todo desapareceu, deixando apenas dormência. Victoria seguiu o som, atraída pela esbelta sereia que cantava tão docemente para ela. Cada nota era hipnotizante, deixando-a em transe enquanto repetia a mesma palavra. —*Vic-to-ri-a, Vic-to-ri-a, Vic-to-ri-a...*

—Você está ouvindo, não é pequena? —A voz de Lotis era condescendente.

Victoria se lembrou da mulher de quando se afogou pela segunda vez. Era difícil esquecer os olhos vermelhos e inquietantes de Lotis, e era fácil entender por que Victoria pensara que ela estava no inferno. A olímpica usava um manto verde, tão translúcido que revelava seu corpo nu. Ele se agitava quando ela se movia. Por mais que Victoria quisesse se concentrar nas palavras da mulher, achou difícil desviar a atenção da bela cantora por muito tempo.

—*Vic-to-ri-a, Vic-to-ri-a...*

—Você não pode contar nossos segredos. —Lotis continuou. —Eu trabalhei muito duro e por mais anos do que você pode imaginar.

—*Vic-to-ri...*

—Electra, já basta. —Lotis resmungou. A música parou abruptamente e a névoa na mente de Victoria começou a clarear. —Eu preciso que ela me ouça.

Victoria olhou para as três sereias circulando sobre ela. —Lotis, o diabo ruivo, Electra, a sereia, com sua voz hipnótica, e...

Ela não conseguia se lembrar do nome da terceira sereia.

—Carmenta. —Lotis declarou, apontando para a loira com olhos roxos como se ela pudesse ler cada pensamento confuso na cabeça de Victoria.

Victoria se concentrou em manter a sereia fora de sua mente. Lotis apenas riu.

—O que você quer fazer com ela? —Carmenta perguntou. —Não há nenhuma maneira de eu ficar longe do mar por Maia novamente por que alguns recém-transformados estão escondidos onde ela não é desejada.

—Oh, ela não pode ajudar. Você pode, Victoria? —Electra perguntou, seu tom muito parecido com o de alguém que conversaria com uma criança pequena. A nuvem ameaçou, mas felizmente a mulher parou de falar antes que o transe hipnótico pudesse se estabelecer.

—*Demon!* —Victoria pensou, não gostando do jeito que elas olhavam para ela. Ela não tinha ideia de onde estava. Elas estavam na floresta. Era noite. Ela não tinha ideia de qual direção era a certa.

—Oh, não, outra decepção. —Carmenta murmurou, virando as costas para Victoria em desgosto. —Procurando por um homem para salvá-la. Patético.

Lotis sorriu maliciosamente. —Eu admito que tive esperança quando mandei Pirene buscar você na água. Você durou muito mais do que os outros, o que prova que você é forte o suficiente para ser uma de nós, mas está gritando para Demon resgatá-la... —Ela franziu a testa e balançou a cabeça. —Isso é decepcionante, flor do mar.

Victoria fechou a mão em um punho. Ela não precisava de um homem para resgatá-la. Claro, teria sido bom, mas ela poderia fazer isso sozinha se tivesse que fazer.

Sem pensar muito, por medo de que suas intenções fossem descobertas, ela ergueu o braço em direção ao rosto de Lotis. Ela bateu em sua mandíbula, jogando a cabeça para trás e fazendo-a tropeçar.

Na expressão de surpresa da outra sereia, Victoria aproveitou a oportunidade para correr.

—Pegue a bruxa. —Lotis ordenou. —Pare-a!

Victoria correu mais rápido, ignorando as pernas doloridas e um pedaço de graveto alojado em sua sandália.

—*Vic-tooo-ri-ahhhh*, —Electra exclamou.

Victoria não resistiu. A palavra a atingiu como uma onda de magia, fazendo-a derrapar até parar. Ela a manteve presa com mais firmeza do que cadeias jamais poderiam.

O som de passos atrás dela se aproximava, cada som de raiva um aviso do que estava por vir. Ela não podia correr, não podia abaixar a cabeça. Um objeto duro a atingiu na nuca, fazendo com que ela caísse para frente em um torpor. A música parou. Ela se arrastou no chão. Carmenta a chutou no estômago, forçando-a a ficar de costas. Lotis estava em cima dela, empunhando um grande bastão. O sangue escorria do lábio dela. A marca vermelha deu pouca satisfação a Victoria, considerando sua posição atual.

—Isso não é maneira de tratar sua nova rainha. —Lotis sibilou. —Amarre a bruxa. Nós vamos usá-la como isca para atrair Maia para a água.

—*VIC-TOOO-RI-AHHHH...*

A música alta atraiu Demon para uma parada repentina em sua busca. O grito feminino era inconfundível em seus poderes arrebatadores.

—Electra. —Rigel afirmou, correndo para se juntar a Demon. —O que essa sereia está fazendo nessa parte da floresta?

—Eu disse a Victoria que ela estava a salvo das olímpicas aqui. Eu prometi a ela. —Demon sussurrou, sentindo o fracasso.

—E não deveria haver nenhuma. —Rigel afirmou. Ele colocou a mão no braço do irmão. —Como você poderia saber?

—Eu não ouvi ela se levantar. —Ele disse.

—Vou dizer a Brutus para levar Laurel a algum lugar seguro. —Rigel afirmou.

—Eu não sei sobre você, mas estou cansado desses ataques de sereia. Gostava muito mais quando pensávamos que o culto olímpico estava morto.

—Eu não posso falhar com ela. —Demon respondeu, quando seu irmão foi encontrar Brutus. Ele não esperou que Rigel retornasse antes de começar a correr para a floresta. Era impossível dizer exatamente de onde vinha o som que ecoava, mas ele correu em uma direção qualquer, confiando no instinto para guiá-lo até sua esposa.

Ele não a perderia, nem agora, nem nunca. Os deuses tinham acabado de revelá-la a ele.

Capítulo 11

E ali estava ela, no final de sua história, exatamente onde começara, acorrentada sob as ondas na fria escuridão do oceano. Que jornada cruel a vida após a morte havia planejado para ela. Isso era o inferno ou, no mínimo, o purgatório. Não havia dúvida agora.

Elas a deixariam se apaixonar, em um tempo tão curto, um tempo cuja perfeição significava mais para ela do que qualquer outro em sua vida. Só que elas a haviam julgado mal. Ela não iria desistir, não agora. Ela poderia viver naquele momento por toda a eternidade porque sentiu Demon dentro dela. Ele estava lá e isso o tornava real.

Victoria sabia dos fatos. Seu barco afundou, ela se afogou uma vez, ela se afogou pela segunda vez, as olímpicas eram más e ela era o brinquedo delas. Essa era sua vida após a morte, esse abismo infinito, escuro e solitário, correntes que a mantinham como alimento para os peixes horríveis com dentes afiados e com pontos brilhantes pendurados em suas cabeças.

Isso não era sobre Becky Gibson na escola primária, nem sobre seu quarto infantil ficar sujo, nem qualquer pequeno evento aleatório em que ela não tomou a decisão certa. Isso simplesmente era a vida após a morte. Como ela veio para cá não importava, nem o porquê.

Quando ela fechou os olhos, viu a esperança. Demon. Seu lindo rosto. Seu corpo esculpido na sala de estar de sua casa tarde da noite. O momento em que ela soube que poderia amá-lo para sempre. E ela o amaria para sempre, mesmo daqui do oceano, não mais sozinha ou fria porque tinha essas lembranças. Ela não esqueceria. Ela nunca poderia esquecer. Amor.

A corrente do oceano fluiu em torno de seus membros enquanto ela descansava, e Victoria sonhava com estrelas do mar dançantes e olhos escuros. Talvez ele tenha sido um sonho. Depois de ficar presa por tanto tempo na água do mar, ela não conseguia acompanhar as horas. Seu coração gritou para que ele a encontrasse novamente, mas as sereias nadaram para mais longe e a carregaram com duas âncoras. A cúpula sumiu de vista. A fraca luz chamando foi apagada e ela foi deixada na escuridão total. Ela não sabia o caminho para nadar. Ela não conseguia encontrar o caminho de volta para Demon.

Semanas. Minutos. Horas. Dias. Não importava aqui na água ondulante. Tudo o que importava era a lembrança de que ela sentira o amor de um demônio e o amara de volta. A areia tocou sua cauda enquanto as correntes a carregavam para baixo. Suas mãos pressionaram o chão áspero, imprimindo-o com os dedos como selos para papel. Não havia sono para a eternidade.

Oh, mas o oceano era vasto e infinito, tomando sua consciência. A escuridão a cercou enquanto sua visão se desvanecia. Tão frio. Ela teve o desejo de nadar, continuar nadando e sonhando. Se ela pudesse se dissolver das correntes na água, se tornar parte das ondas. Ela não podia lutar contra a corrente enquanto a empurrava para frente e para trás. E talvez, um dia, se ela se afastasse o suficiente, o encontraria novamente, o homem cujo rosto ela guardava em seu coração.

Se ao menos ela pudesse lembrar do que ela o havia chamado. Aquele homem. Amor.

Capítulo 12

—*Já faz mais de duas semanas.* — Rigel disse, saindo da formação para enfrentar Demon na água. Sua cauda prateada e suas barbatanas imitavam a cor do metal do navio. Embora ele fosse o mais novo, Rigel agia como líder de sua equipe de caça. A idade mortal não importava quando isso chegava a uma eternidade. Ele inconscientemente tocou o frasco que carregava em volta do pescoço. O líquido que transportava se dispersaria na água e paralisaria uma *scylla*, para que pudessem pegá-la e trazê-la para casa. Era a única maneira de conseguirem as criaturas translúcidas. —*Se ela estivesse aqui fora...*

Ele não terminou o pensamento. Ele não precisava. Demon sabia o que acontecia com um Merr na água. Mesmo caçadores experientes como ele não podiam durar para sempre no oceano, e eles estavam fora há semanas procurando Victoria pelo chão do oceano. As paisagens do fundo, as colinas suaves e os vales de areia movediça eram tão familiares que começaram a parecer iguais.

Ele procuraria em todos eles se fosse necessário. Ele procuraria para sempre. Ele deixaria o oceano tomar sua alma se isso significasse que ele poderia salvá-la.

—*Talvez nós voltemos com o rei.* — Brutus disse. Sua cauda era da mesma cor prateada e preta que a de Demon. —*Ela pode não estar aqui fora. Elas poderiam tê-la no Monte Olimpo. Devemos procurar onde as olímpicas estão escondidas. Você disse que ouviu Electra na floresta.*

—*Onde está sua esposa?* — Demon exigiu de um irmão. Então para o outro. —*E a sua?*

—*Lyra está no campo.* — Rigel disse.

—*Laurel está no palácio.* — Brutus respondeu.

—*Como vocês sabem?* — Demon insistiu. — *Vocês não podem vê-las.*

—*É onde eu a deixei.* — Rigel disse.

—*Porque eu sinto.* — Brutus respondeu.

—*Eu sinto Victoria por baixo dessas ondas.* — Demon disse. — *Ela está aqui fora. Eu preciso encontrá-la.*

—*Demon, eu sei que você se importava com ela, mas vocês não estavam juntos há muito tempo. Talvez a conexão não teve tempo para se formar completamente.* — Rigel voltou a apontar o frasco e olhou para Brutus. O líquido era destinado a *scylla*, mas paralisaria um Merr também.

—*Se uma gota disso me tocar.* — Demon ameaçou. — *Eu prometo que vou seguir o caminho de Nemus e deixar Atlantes para sempre. Você pode passar os próximos mil anos me caçando, apenas para me ver morrer.*

Rigel soltou o frasco. A ameaça encheu-o de raiva. Todos eram assombrados pela imagem do que Nemus se tornara e a dor de perder um irmão machucava profundamente os três. —*É inconcebível você mesmo sugerir a repetição dos erros do passado do Nemus.*

—*Você me tirar da minha procura é ainda mais.* — Demon respondeu. — *Se eu não a encontrar, será como se eu estivesse morto.*

—*Se não voltarmos para casa logo, estaremos todos mortos.* — Brutus respondeu. — *Dizer isso não me agrada, mas é a verdade.*

—*Ela está perto.* — Demon declarou. Ele não tinha certeza se era verdade, ou ele só precisava que fosse verdade.

O que ele não disse a seus irmãos era que ele planejava ficar na água até encontrá-la, ou até que ele se transformasse. Pois, se ele

não a encontrasse, seria porque ela já era uma alma perdida. Sua alma poderia passar uma eternidade procurando pela dela.

Demon nadou com força renovada. —*Victoria! Victoria!*

Uma pequena sensação de formigamento o encheu. Não era a primeira vez. Era a mesma sensação que o fez mudar de sua perseguição às olímpicas na floresta e ir para o oceano. Ele tinha vivido muito tempo para não confiar em seus instintos, e cada pedaço dele dizia que Victoria estava na água e que ela precisava dele.

O desespero se tornou esmagador. Ele nadou mais rapidamente, deslizando no fundo do oceano com tanta rapidez que a paisagem ficou turva. Ele ouviu seus irmãos correndo para alcançá-lo.

—*É você. Amor.*

De repente, ele parou quando ouviu a voz dela. Ele se virou para encontrá-la.

Sua figura translúcida flutuava acima das correntes penduradas. O metal agitou a areia em pequenas nuvens na água.

—*Não!* —Demon gritou, vendo que ele chegou meros momentos tarde demais. As correntes devem ter escorregado dela enquanto ela se transformava. Apenas uma leve impressão de seu corpo permaneceu, uma miragem de sombras e luz.

A figura translúcida de Victoria subiu em direção a Demon, como se fosse empurrá-lo de volta e escapar. Ele tentou capturá-la em seus braços, mas a frieza de seu corpo o invadiu. O espírito da água se debateu para escapar de seu alcance e eles caçaram.

Demon tinha caçado muitos antes dela, mas havia um desespero dentro dele, por saber que era sua esposa. Ele perdeu seu

irmão para o oceano, e ele não podia perder Victoria da mesma maneira. Isso não era justo. Por que os deuses ainda os estavam punindo?

—*Rigel*. —Brutus ordenou. Demon assistiu seus irmãos nadarem automaticamente em uma formação para prendê-la.

—*Victoria, por favor*. —Demon implorou, sabendo que ela não podia ouvi-lo. Ele pensou em seu irmão, morrendo na cela. —*Rigel, nós não podemos. Nós vamos matá-la. Brutus...*

Seus protestos não foram ouvidos.

Para uma *scylla*, Victoria era jovem o suficiente e fácil de pegar. Demon estendeu a mão para abraçá-la. Rigel liberou o líquido na água para impedi-la de nadar. Demon sentiu seu braço paralisar ao lado dela quando ela parou de lutar. O braço flutuou inutilmente enquanto se movia, mas ele a envolveu em seu outro braço e a carregou o mais rápido que pôde para casa. A familiaridade do corpo da *scylla* não lhe trouxe conforto. Ele estava com ela, sua Victoria, mas ele estava atrasado demais.

Ele pensou em soltá-la na água. Pelo menos lá ela estaria viva, mas a ideia de procurá-la por mil anos, só para acabar de volta neste momento, era demais. Ela não iria querer causar naufrágios na superfície, machucar as pessoas, matá-las. Havia uma bondade em Victoria que ele podia sentir. Estava no jeito que ela olhava para ele, no jeito que ela falava e se movia.

—*Demon, nos deixe ajudar*. —Brutus disse, tentando tirar Victoria dele.

Demon não a libertou, mas deixou seu irmão ajudá-lo a carregá-la para Atlantes.

Ela ficou na água por tempo demais. Ela saiu da água uma vez antes e sobreviveu, mas ainda havia algum sinal de vida em seu

corpo. Seus irmãos permaneceram em silêncio enquanto se moviam. Não havia nada que eles pudessem dizer para consolar Demon. A luz da cúpula chamou-os como um farol. Rigel avançou e estava fora da água quando os gêmeos trouxeram Victoria para a área de superfície.

Demon não queria deixar ir, mas ele permitiu que Rigel levantasse Victoria da água. Todas as suas feições desapareceram e ela era apenas um borrão de seu antigo eu. A transformação aconteceu. Não havia como voltar atrás agora.

—Vou levá-la a uma cela e informar Gregor o que aconteceu.
—Rigel disse quando Demon limpou a água salgada de suas pernas.
—Vou garantir que ele deixe você entrar na cela com ela o mais rápido possível.

Eles não tinham como prever quanto tempo uma *scylla* duraria depois de sair da água. Os cientistas fariam tudo o que pudessem na cela de retenção. Às vezes elas duravam dias, às vezes horas, e às vezes a criatura ficava lúcida, outras vezes simplesmente gritavam em agonia insuportável... Mas no final, era sempre o mesmo resultado. A *scylla* morria como um poderoso jato de água do oceano e evaporava instantaneamente.

—Não. —Demon disse. —Me dê ela. Eu vou carregá-la.

Rigel hesitou, mas não lutou com Demon quando ele levantou a esposa em seus braços. Seu braço começou a recuperar um pouco de força quando o sangue encheu seus músculos, mas ele ainda estava fraco. Ele a levou da caverna para o palácio. Gaius, o guarda, estava em seu posto quando emergiu.

—Lorde Demon, você achou a Lady...? —Os olhos de Gaius se moveram para a *scylla*. —Você capturou uma criatura? Bem caçado, meu senhor!

Demon resmungou para o homem e o empurrou para fora do caminho enquanto ele corria pelo palácio.

—Por todos os deuses, não é Lady Victoria, é? —A voz de Gaius desapareceu quando Demon correu mais rápido.

Demon não levou sua esposa às celas. Ele não podia trancá-la para vê-la morrer. Ele não podia deixar seus irmãos trancá-la, ou deixar o cientista cutucá-la sem esperança de cura. Ele a amava. Ela era o seu coração. As pessoas podem dizer que só se conheciam há pouco tempo, mas isso não importava. Ela era sua bênção dos deuses, e ele não podia desistir dela.

—Demon, aonde você está indo? —Rigel exigiu. —Volte. As cel...

—Demon! —Brutus gritou. O som de passos o alcançaram. —Você perdeu o juízo.

Brutus bateu em Demon, forçando-o contra uma parede para impedi-lo de correr. O corpo translúcido de Victoria se sacudiu em seus braços. Ele lutou para continuar, mas seu braço ainda estava fraco por estar paralisado.

—Por favor, Brutus. —Demon implorou. —Eu tenho que tentar. Nemus nos deu a chave com seu último suspiro. *Oceano*. Nós temos que tentar!

—Mas o oceano está atrás de nós. —Brutus argumentou, claramente suspeitando que seu irmão gêmeo havia perdido seu juízo por causa da tristeza.

—Eu tenho que tentar. —Demon repetiu.

—Demon, você tem que deixá-la ir. —Rigel afirmou, retardando sua corrida para uma caminhada rápida enquanto se aproximava de seu irmão. —Eu sei que é difícil, mas ela não é mais

a mulher com quem você se casou. Não faça isso para si mesmo. Deixe os cientistas ajudá-la.

—Por favor. —Demon implorou a seu gêmeo. Eles entendiam um ao outro de uma maneira que ninguém mais podia. Eles tinham sua própria língua, sua própria conexão.

Finalmente, Brutus assentiu e soltou.

—Brutus, não. —Rigel acelerou seu ritmo.

Brutus surpreendeu Rigel o segurando para impedi-lo de seguir.

Demon levou Victoria para a piscina de água salgada. O som de risada infantil encheu o salão. Ele diminuiu os passos, respirando com dificuldade por exaustão. Talvez seus irmãos estivessem certos. Talvez ele devesse levá-la aos cientistas.

—Você viu isso? —Perguntou o jovem William.

—Tão ágil quanto seu pai. —Lady Bridget disse ao seu filho com orgulho.

—Faça de novo. —Instruiu o rei Lucius. —Você deve praticar se algum dia você quiser ser um caçador.

William saltou da água, sua cauda azul balançando no ar antes de cair. Na verdade, sua façanha não se parecia em nada com Lorde Caderyn, já que os caçadores nunca atingiam a superfície de tal maneira.

—É hora de testarmos o verdadeiro valor de sua mistura de algas marinhas, Lady Bridget. —Rei Lucius disse como se continuasse uma conversa que eles estavam tendo antes de os garotos interromperem. —Está na hora. Com as olímpicas atacando, ficou claro que esta cúpula é muito pequena para todos nós. Precisamos de opções, especialmente se elas tentarem entrar na

cúpula novamente. Brutus sobreviveu tocando o ar da superfície. Agora é hora de ver se isso nos permitirá respirar o ar da superfície. Um dos Merr poderá ir para o topo.

A cauda verde de um dos garotos trigêmeos saiu da água enquanto Gregory permanecia sob a superfície. Em pouco tempo, o rabo meio azul e meio verde de Douglas fez o mesmo, como se os garotos competissem para ver quem conseguia levantar a cauda mais acima da água.

Demon tropeçou para frente, ainda inseguro quanto às suas ações.

—Eu deveria procurar por voluntários? —Bridget perguntou, seu tom sério enquanto ela dava um olhar preocupado sobre seus filhos. Ela não notou Demon e seu fardo se aproximando.

—Não. Eu tenho o homem perfeito em mente. —O rei Lucius avistou Demon. Suas palavras se apressaram quando ele passou por Bridget. —Eu vou deixar você saber quando for decidido.

—Tirem os garotos da piscina. —Demon ordenou, sua voz rouca.

—Demon? —Bridget piscou em confusão. —O que você está fazendo? Tire essa *scylla* daqui.

—Incrível. —William declarou, usando a palavra que eles aprenderam com a mãe. —Isto é tão legal!

—Uma *scylla*! —Douglas disse.

—Podemos tocá-la? —Gregory perguntou.

—Saiam da piscina. —Exigiu Bridget, com expressão cheia de medo. —Agora.

—Mas... —Os meninos protestaram.

—Agora! —Ela gritou.

Os meninos instantaneamente obedeceram enquanto nadavam até a borda e saltavam para fora. Demon correu para frente, empurrando o rei para atirar o corpo de sua esposa na água.

—Legal. —Gregory sussurrou.

—Podemos ficar com ela? —William perguntou.

Douglas apenas olhou com a boca aberta para ver o que aconteceria em seguida.

—Demon? O que significa isso? —O rei exigiu.

Demon observou o corpo imóvel de sua esposa na água, ignorando o puxão insistente do rei em seu braço.

—Como você ousa colocar a vida das crianças em perigo?
—Continuou o rei.

Demon aproximou-se da borda, olhando para dentro. Ele mal conseguia distinguir a forma dela na água. —*Por favor, meu amor, por favor.*

—Demon? —Bridget perguntou. —Você perdeu a cabeça?
O que você está fazendo?

—É a Victoria. —Brutus explicou, chegando à beira da piscina.

O rei instantaneamente soltou Demon e moveu-se para olhar para a água. —Você tem certeza?

—Nós a pegamos quando ela se transformou. —Rigel disse.
—Estamos certos.

—Oh, Demon, eu sinto muito. —Bridget disse. —Meninos, vão para casa. Agora.

—Mas... —Novamente eles começaram a protestar.

—Vão! —Ela gritou e apontou a direção. —E não façam paradas.

Eles partiram, sua relutância e curiosidade tornando a retirada mais lenta.

—As olímpicas a acorrentaram na água. —Brutus disse. —Novamente.

—A morte dela está em suas mãos. —Rigel acrescentou.

—Ela não está morta. —Demon sussurrou, desejando que fosse verdade. —Ela não está morta. Isso funcionou da última vez. Ela não está morta.

—A última vez ela não... —O rei fez uma pausa, como se estivesse tentando ser delicado. —Tinha se transformado completamente.

—Eu vou pegar outro frasco. Quando ela sair da paralisia, ela vai se debater. —Rigel saiu correndo do quarto.

Demon olhou para sua esposa até que ele concluiu que uma sombra seria o cabelo dela e outro o braço dela. Seu rosto não continha nenhum detalhe, apenas um lampejo de percepção. Brutus uma vez descreveu uma *scylla* como gelo vivo. Veias azuis finas apareciam dentro do corpo aquoso, levando à impressão de órgãos presos como águas-vivas dentro de carne transparente. A piscina de água salgada irradiava o estranho odor de salmoura e lama.

—Eu parei de jogar limpo com a rainha Maia. —Declarou o rei Lucius. —É hora de acabarmos com isso de uma vez por todas.

—O que você quer dizer? —Bridget perguntou.

—Guerra. —Lucius afirmou. —Estou declarando guerra às olímpicas. Essas sereias ultrapassaram os limites muitas vezes. Nós tentamos ser bons. Fizemos tudo o que pensávamos que os deuses queriam, salvamos vidas mortais, caçamos *scyllas*, não levantamos os braços para lutar quando era o momento. Mas elas não se importam ou não estão mais ouvindo.

—Nós devemos levá-la para uma das celas. —Brutus tocou levemente o braço de Demon. —Nada está acontecendo.

Victoria se contorceu na água.

—Eu tenho o frasco. —Rigel juntou-se a eles. —Gregor e sua equipe estão a caminho.

—Espere. —O rei ordenou.

Demon mergulhou na água para ficar com ela. O formigamento da mudança foi automático quando ele deslizou ao lado de seu corpo e passou a mão sobre o rosto frio dela.

—*Acorde, meu amor.* —Ele insistiu. —*Essa água foi ideia sua.*

—Demon, saia daí. —Rigel chamou, as palavras pronunciadas distorcidas pela água. —Não é seguro.

O que ela faria? O mataria? Sem ela, ele já estava morto.

Ele ouviu as vozes abafadas da conversa, mas as ignorou. Ele olhou para a esposa, capaz de imaginar o rosto dela como antes.

De repente, a *scylla* se sacudiu, afastando-se para longe dele para o outro lado da piscina. Ela bateu na parede de azulejos antes de voltar para ele. Ele ouviu seus irmãos gritando ordens. Ele ouviu Bridget avisando para tomar cuidado.

Demon abriu os braços e deixou Victoria bater nele. Ele fechou os olhos em reflexo. Ela o empurrou de volta com a força, mas ele segurou firme. Suas costas racharam o ladrilho da piscina.

—*Demon?*

Sua voz fluiu fracamente em seus pensamentos e ele abriu os olhos para ver a sombra pálida do rosto dela olhando para ele. Ele sentiu como se seu coração fosse explodir naquele momento, cheio de esperança.

—*Victoria.* —Ele segurou-a com força. Seu corpo convulsionou violentamente, mas sua temperatura começou a aumentar. —*Eu te amo, Victoria. Volte para mim.*

Lentamente, ela começou a se transformar. Não na criatura doentia de uma *scylla* moribunda, mas na sereia que ele amava.

—*Demon?* —Desta vez a palavra foi mais forte.

—*Demon, o que está acontecendo?* —Brutus perguntou.

Demon não conseguiu responder. Victoria piscou, olhando ao redor da piscina e em direção à superfície antes de fixar seu olhar no dele. Ela sorriu como se compartilhasse sua surpresa.

—*Eu sinto muito por não ter protegido você.* —Demon disse, precisando que ela soubesse das profundezas de sua vergonha. —*Eu deveria ter protegido você melhor na floresta.*

A resposta de Victoria foi beijá-lo. —*Como você pode se desculpar? Você me salvou da insanidade duas vezes.*

Um som de respingo soou quando Rigel e Brutus pularam na água.

—*Victoria, você está bem?* —Rigel perguntou.

—*Vamos ajudá-la a sair da água.* —Brutus acrescentou.

Demon aceitou a ajuda deles quando eles surgiram. Ele observou-a cuidadosamente por quaisquer sinais de dor quando a levantaram para a borda. Ela sorriu para ele, os olhos cansados, mas também muito felizes. Ele abriu os braços para ela, ainda molhado e se transformou em Merr, enquanto a segurava contra o peito.

—Onde está a *scylla*? —Gregor, o cientista encarregado das *scyllas*, apareceu.

—Lá. —Bridget jogou uma toalha sobre Demon e Victoria para esconder sua nudez.

—Isso é algum tipo de piada? —Gregor franziu a testa.

—Não é brincadeira. —Disse o rei. —Demon encontrou a cura. Eu vi com meus próprios olhos.

—Cura...? —Gregor se inclinou para olhar para a água. Ele se virou para olhar para Demon e Victoria, uma miríade de perguntas se formando.

Suas pernas estavam secas o suficiente para que elas se transformassem em suas formas humanas enquanto ainda se abraçavam.

—Eu vou contar a você. —Bridget disse. —Eu testemunhei a coisa toda.

—Vamos precisar de amostras de água. —Gregor disse.

—É claro. —Bridget concordou, seguindo-o quando ele correu para obter seus suprimentos.

—E não deixe mais ninguém entrar naquela água até que tenhamos uma chance para... —Gregor começou.

—Considere isso feito. —O rei interrompeu. Ele se ajoelhou ao lado de Victoria. —Estou feliz que você tenha sobrevivido. Não se preocupe. A rainha Maia pagará pelo que fez com você.

—Não foi Maia. —Victoria olhou para o rei. —Lotis, Carmenta e Electra me levaram. Eu ouvi algumas de suas conversas telepáticas sobre derrubar a rainha, e elas me viram como uma ameaça. Pirene era uma delas. Eu acho que ela estava na água para me resgatar para que eu me juntasse à gangue de Lotis. Lotis anseia ser a nova rainha.

—Discórdia entre o exército. —Lucius disse, em pé. —Podemos usar isso para nossa vantagem. Obrigado Victoria. Isso é muito útil. Demon, leve sua esposa para casa. Tenho certeza de que Gregor virá mais tarde para examiná-la.

—Vou pegar Althea e mandá-la para você. —Brutus disse.

Demon ajudou Victoria a ficar de pé, mas quando ela andava, ele a ergueu em seus braços para carregá-la. Ela não protestou enquanto descansava a cabeça contra ele. Ele segurou-a perto. A toalha seca escondia sua nudez, mas se afastava de seu corpo enquanto ele se movia.

—Eu sinto muito por ter perdido você. —Ele sussurrou.

—Você não me perdeu. —Disse ela. —Eu fui atraída. Eu vi você dormindo quando entrei na floresta. Electra me encontrou e me encantou com meu próprio nome. Não havia nada que você pudesse ter feito.

—Por que você estava andando na floresta? —Ele perguntou.

—Você não faz perguntas a uma senhora. —Ela respondeu.

—Mas...? —Compreendendo que ela estava falando sobre se aliviar na floresta, ele assentiu. —Claro. Para esticar as pernas.

Victoria segurou-o com força. Seus lábios roçaram ao longo de seu pescoço.

—Eu nunca mais quero estar no oceano de novo, mas sei que se eu acabar lá, você virá até mim.

—Eu sempre irei até você, meu amor. —Demon jurou. Ele se virou para o corredor que levava a sua casa.

—Eu te amo, Demon. —Ela correu os lábios sobre a mandíbula dele para encontrar sua boca. —Eu preciso da sua ajuda com mais uma coisa.

—Qualquer coisa.

—Estou dolorida com a aflição. —Ela arqueou a sobrancelha de forma significativa. —E eu preciso que você cuide disso antes que todas as pessoas apareçam para ver a *ex-scylla*.

Ele se atrapalhou com a maçaneta da porta, incapaz de abri-la quando os lábios dela reclamaram os seus. O corpo dela deslizou contra o dele quando os pés caíram para o chão. Ela deslizou seus dedos sobre os dele para abrir a porta para ele. Sua mão estava em seu pau antes de entrarem.

Epílogo

Victoria observou as crianças brincando na piscina. Os cientistas ainda estavam confusos sobre o que exatamente causou sua transformação de volta para Merr, e ela se tornou uma celebridade em Atlas por causa disso. Alguns não acreditavam em sua história, já que todos sabiam que uma *scylla* não podia ser curada.

Victoria também se tornou um assunto de teste de laboratório. Os cientistas continuaram querendo amostras de seu sangue, cabelo e lágrimas e, bem, tudo. Eles a pesaram, mediram, pediram que ela entrasse na piscina para se transformar, para que pudessem assistir.

Demon teve que ordenar que deixassem sua esposa em paz. Puxar seus fios de cabelo não traria mais nenhuma informação. Foi finalmente determinado que ela era tão normal quanto qualquer mulher Merr nova de Atlantes.

—Alguma notícia? —O rei Lucius sentou-se no banco ao lado dela.

—Fragmentos e peças. Elas tentam me bloquear, mas alguns de seus pensamentos escapam. —Victoria manteve a voz baixa, não querendo que ninguém ouvisse. No começo, ela se sentiu estranha fazendo o papel de um espião do rei. A ideia de ser colocada de volta no oceano a aterrorizava. Ela sabia que Demon sempre viria por ela, mas temia que eles não tivessem sorte pela terceira vez. No entanto, se ajudasse o povo Merr, ela arriscaria se conectar com as olímpicas para ouvir seus planos.

—Alguma coisa que possamos usar? —Ele parecia ansioso por respostas que ela não podia dar.

—Lotis e Maia discutem. Lotis trama pelas costas dela. Eu não sei como a rainha não ouve o motim dentro de seu grupo. A maior parte do que ouvi são resmungos. —Victoria suspirou, forçando um sorriso quando um dos garotos acenou para ela da piscina. —Me desculpe, eu não posso te dizer mais, mas vou continuar tentando.

Lucius assentiu. —Ajuda saber que Maia não é mais tão forte como era antes. Eu gostaria de encontrar um fim para isso.

—Para isso? —Victoria perguntou, sentindo que poderia haver mais na declaração do rei do que ele pretendia.

—A guerra, é claro. —Ele se levantou e bateu palmas, impedindo-a de fazer mais perguntas enquanto caminhava para a piscina. —Muito bem, rapazes.

—Eu senti sua falta, minha esposa. —Demon apareceu ao seu lado e tomou o assento que o rei havia abandonado. Ela não sabia como, mas ele sempre conseguia olhar para ela como se ela fosse o presente mais mágico que ele já havia recebido.

—Você saiu há vinte minutos. —Victoria riu.

—Eu te amo. —Ele passou os dedos contra as costas da mão dela.

—Eu também te amo. —Ela tocou sua bochecha.

—Eu estou com aflição. —Ele sussurrou.

Victoria deu um grande sorriso. —Eu não vou cair nessa novamente. Eu sei que só temos a aflição quando nadamos no oceano.

—Quer dar um mergulho no oceano? —Ele acariciou sua orelha.

—Você, Lorde Demon, nunca será acusado de desistir com muita facilidade. —Ela se virou e o beijou levemente, ciente de quem poderia estar assistindo. —Que tal você me mostrar mais de suas pinturas? Você me prometeu.

—Eu quero pintar *você*. —Ele desenhrou um dedo pelo braço dela.

—Deixe-me adivinhar. —Ela arqueou uma sobrancelha. — Eu terei que me deitar nua na sua cama para substituir a sereia que está atualmente na parede do nosso quarto?

Ele sorriu e acenou com a cabeça. —Agora isso é uma ideia. Você fica nua. Eu vou pegar a tinta. Te encontro na cama.

Ele saiu correndo como se a tarefa fosse a mais importante de sua vida.

Victoria se levantou, acenou para as pessoas ao redor da piscina e caminhou para segui-lo. Quando ela não podia mais ser vista, ela começou a correr pelos corredores para encontrar o marido em casa.

FIM

